



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE - CAMPUS PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**

Lauren Carla Escotto Moreira

Fan Pages & Frases de efeito:

discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de uma vida feliz

Pelotas
2016

Lauren Carla Escotto Moreira

Fan Pages & Frases de efeito:

discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de
uma vida feliz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora
Prof^a Dr^a Angela Dillmann Nunes Bicca

Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas de Formação

Pelotas
2016

Ficha Catalográfica

M835f Moreira, Lauren Carla Escotto.

Fan Pages & Frases de efeito: discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de uma vida feliz / por Lauren Carla Escotto Moreira. – 2016.

86 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela Dillmann Nunes Bicca.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

1. Pedagogia cultural. 2. Redes Sociais. 3. Autoajuda. 4. Subjetividade. 5. Aforismo. I. Bicca, Angela Dillmann Nunes. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 372.83044

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Silvia Regina de Lima Veleza CRB 10/2038
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

Lauren Carla Escotto Moreira

Fan Pages & Frases de efeito:

discursos de autoajuda ensinando a agir sobre si na busca de
uma vida feliz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Angela Dillmann Nunes Bicca

Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas de Formação

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/___

Prof.^a Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca (IFSul/RS)
Orientadora

Prof.^a Dra. Ana Paula Araújo (IFSul/RS)

Prof.^a Dra. Letícia Freitas (UFPeI/RS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora **Prof.º(a) Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca**, primeiramente por me aceitar como sua orientanda, pela confiança referente ao presente trabalho, por abrir as portas de sua casa e prosseguir as discussões extraclasse comigo, além da indiscutível compreensão em alguns momentos difíceis.

Às integrantes da banca examinadora – professoras Dra. Ana Paula Araújo (IFSul), Dra. Letícia Freitas – (UFPel) que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, pelas sugestões e análises significativas até a versão definitiva do texto.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, seus professores, com reconhecimento especial ao prof.º Dr. Roger Albernaz que me possibilitaram explorar e potencializar os movimentos de criação na escrita; cresci e amadureci.

Aos educadores do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, em reconhecimento especial: Vera Lúcia Louzada, Ana Elisa Cardozo, Valesca Barros Augé, Maria Aparecida Caldeira, Cristina Fonseca, Maria do Carmo Barbosa dos Santos, Cora Bastos e Taninha Teixeira pelas energias positivas estendidas a mim.

Aos queridos amigos e colegas na Educação - prof.ª Jésica Hencke, e prof.º Daniel Silveira que juntos trocamos experiências acadêmicas. Muito obrigada!

À amiga Luiza Menon, pelas incontáveis horas de ‘chat’ diariamente, pelos encontros, alegres e tristes, por compartilhar afetividade, por nos apoiarmos uma a outra nas situações irremediáveis que a vida nos ‘prega’, por me fazer acreditar que nossa escolha pela Educação deve ser respeitada pelos outros e, por fim, por enviar seu otimismo sempre contagiante como uma esperança ao novo dia. Obrigada.

Aos conspiradores a favor do silêncio em casa depois das 22h: Blade, Faruk, Maha, Munhad, Molly e Mey. Além deles, a pequena Margot que esteve

presente ao longo de toda a escrita, por dias e horas sempre ao meu lado, mas que por alguns momentos me convidava para dar uns cochilos com ela.

Obrigada mãe, minha única fã de verdade, pelo apoio e as palavras de fé. Amém!

Ao Vôly: eterno questionador das minhas opiniões, ideias e façanhas. Pelas horas tuas dedicadas ao meu reforço escolar. Obrigada pelo incentivo desde guria. “Acabar o que se começou”. Shalom!

Ao Danny por ausentar-se, nos períodos vespertinos, em meus momentos de escrita. Obrigada pela paciência em me ouvir, por participar das inúmeras vezes das rotas de fuga da dissertação em direção às pizzarias, confeitarias. Obrigada

Muito obrigada. Não venci solita!

Resumo

Nesta dissertação, desenvolvida a partir dos Estudos Culturais, de vertente pós-estruturalista, discuti o modo como as postagens realizadas em *fan pages* do *Facebook*, compostas por textos curtos, que se assemelham às produções de autoajuda, comporiam uma forma de pedagogia cultural que ensina sobre o tipo de individualismo que se desenvolveu na era moderna e como esses indivíduos são instigados a agir sobre si mesmos, os únicos responsáveis por sua vida. Essas postagens foram analisadas a partir da noção de discurso foucaultiana, segundo a qual o discurso não apenas descreve o mundo, mas constitui aquilo de que fala. Essa abordagem permite mostrar que a autoajuda parece estar ajudando os indivíduos a modificarem suas relações consigo mesmo e, na sequência, do indivíduo com os outros a partir de práticas que levam cada um ao autoconhecimento, ao autocontrole, a autonomia, a autodisciplina bem como a produção de sua autoestima. Nesse contexto os processos educativos são vitais por transformarem os indivíduos em empreendedores de si mesmos que competem acirradamente entre si.

Palavras-chave: Pedagogias culturais; Facebook; Subjetividade; Autoajuda; Aforismos.

Abstract

In this master's dissertation, developed from poststructuralism Cultural Studies, I discuss how Facebook fanpage posts – mostly condensed into short texts and bearing a close resemblance to the self-help literature – would constitute a type of Cultural Pedagogy which teaches us about the kind of individualism stemming from the modern era and how the individuals are instigated to act upon themselves by accepting responsibility for their own lives. Those Facebook posts are analyzed from the Foucauldian approach to discourse; according to which the discourse is not only conceived of as describing the world, but also as creating the object it describes. Such an approach allows us to demonstrate that self-help materials appear to be making individuals better their relationship with other people and at the same time, they seem to be helping them better relate to themselves; by adopting techniques to make individuals increase self-awareness and develop their personal autonomy. Moreover, these sorts of materials may help individuals build their sense of self-discipline and self-esteem and by doing so, they would play a vital role in the pursuit of self-knowledge. From this perspective, the educational processes are essential so that the individuals may become entrepreneurs of themselves in fierce competition with one another.

Key words: Cultural Pedagogies, Facebook, Subjectivity, Self-help, Aphorisms

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Auggie	26
Figura 2: Book trailer Auggie.....	26
Figura 3: Tarja Preta	49
Figura 4: Quer?.....	50
Figura 5: Ouse, arrisque, não desista... ..	51
Figura 6: A vida é.....	52
Figura 7: Lute	52
Figura 8: William Shakespeare	53
Figura 9: Um dia desperdiçado	54
Figura 10: Nada dura para sempre	54
Figura 11: Escolhas	55
Figura 12: Chore.....	60
Figura 13: Chorar.....	60
Figura 14: Cérebro/coração	61
Figura 15: Onde quer que eu vá... ..	61
Figura 16: Coragem/medo	62
Figura 17: Coragem.....	63
Figura 18: Riscos.....	63
Figura 19: Alcançar objetivos.....	64
Figura 20: Voltaire	66
Figura 21: Marco Aurélio – frases	66
Figura 22: Frase Platão	66
Figura 23: Destruir?	67
Figura 24: Coragens e medos.....	67
Figura 25: O impossível	68
Figura 26: Reclamar x lutar.....	69
Figura 27: Julgar.....	70
Figura 28: Triste?.....	71
Figura 29: Não rotule	71
Figura 30: Cuidado!	71
Figura 31: cuidado... ..	72
Figura 32: Falem mal de ti!	72
Figura 33: Admirar x invejar!	72
Figura 34: Me importo.....	73
Figura 35: Bom fim de semana.	75
Figura 36: Amigos.....	75
Figura 37: Eu gosto!	76
Figura 38: Saudade	76

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Estudos Culturais e a Educação.....	16
2.1 Os Estudos Culturais	16
2.2. As Pedagogias Culturais	23
3. Para tomar <i>Fan Pages</i> como material de pesquisa: procedimentos metodológicos	32
3.1 Algumas considerações sobre frases curtas postadas no Facebook.....	32
3.2 Estratégias de seleção, recorte e análise do material de pesquisa	36
4. A produção de um indivíduo capaz de cuidar de si no discurso da autoajuda 43	
4.1 A produção de um tipo específico de indivíduo	44
4.2 As ações do indivíduo sobre si mesmo.....	57
4.2.1 Agir sobre as próprias emoções.....	60
4.2.2 Eliminar os entraves para o sucesso	62
4.2.3 Conduzir a relação com os outros.....	70
5. Considerações finais.....	78
6. Referências	81

1. Introdução

“Somos o que pensamos”.

(BUDA, III A.C.)

Essa é uma frase pertencente a uma compilação de textos escritos por Buda, no norte da Índia, no século III A.C. Trata-se de uma frase que em muito se assemelha com as que são postadas, todos os dias, em diversas páginas da mídia social denominada Facebook.

A circulação de frases tais como a que referi acima ocorre, em muitos casos, em *fan pages*¹ do Facebook. Artefatos culturais em que milhares de pessoas visualizam, “curtem”² e compartilham frases que compõem o material de investigação nesta Dissertação. Aliás, não seria surpresa se essa mesma frase fosse encontrada em alguma página da Internet.

Mesmo que frases como essa não tenham sido criação dos tempos de Internet, sua circulação foi em muito intensificada. Esse talvez seja um dos sutis efeitos da vida em um mundo globalizado, repleto de formas rapidíssimas de comunicação.

As tecnologias da informação e da comunicação nos abordam mesmo que não façamos a ela alguma forma de convite para que adentrem nossa vida. A velocidade da tecnologia nas comunicações potencializa a informação digital, redes informativas entrecruzam-se como uma tríade de integração: TV, telecomunicações e informática. Assim os meios de comunicação em sincronia

¹ As páginas de fãs ou denominadas *Fan Pages* são espaços que não ficaram restritos às empresas, outras organizações, bem como celebridades, bandas, etc, têm usado desse recurso para comunicação com os seus públicos. O desenvolvimento de páginas nas redes sociais está relacionada, especialmente, a promover a ligação entre os consumidores e as marcas com a finalidade comercial.

² Curtir encontra-se logo abaixo de uma publicação no Facebook. É um recurso visível e numerável, em forma de ícone, que expressa para as demais pessoas se o usuário gostou da postagem visualizada e, não necessita comentários.

com os códigos de linguagens verbais e não verbais expressos em imagens, fotos, sons, dados, gráficos entre outros, são traduzidos em *bites*.

A complexidade do mundo nos instiga como indivíduos contemporâneos a perseguir os nossos desejos, nossos desafios e nossas inquietações. É como se cada indivíduo passasse a ser elo de múltiplas redes de comunicação, informação, divertimento, aflição, evasão. Cada indivíduo pode ser um feixe de articulações locais, nacionais, regionais e mundiais, cujos movimentos e centros de emissão estão dispersos e desterritorializados mundo afora. Seu modo de ser, compreendendo ações, relações e fantasias, passa a ser cada vez mais povoado pelos signos espalhados pela aldeia global. (IANNI, 2001 p. 124)

Para Castells (1999), essas mudanças nos modos de circulação de informações caracterizam o processo de globalização que estamos vivendo porque transformaram as condições de trabalho, os transportes, bem como no que diz respeito às ordens políticas e sociais.

Segundo a análise desse autor (idem) há repercussão da tecnologia da informação em todas as atividades humanas, o que implica uma nova forma de capitalismo que:

[...] está mais que nunca, inserido na cultura e é equipado pela tecnologia mas, desta vez, tanto a cultura como a tecnologia dependem da capacidade de conhecimentos e informação em rede recorrente de intercâmbios conectados em âmbito global (CASTELLS,1999, p. 20).

Ianni (2001), ao abordar a temática da globalização, salienta que pessoas de todas as partes do mundo são estimuladas a estabelecerem conexões de formas que não apresentam precedentes. Situação que tem levado a importantes mudanças que podem ser visualizadas tanto em um mapa *mundi* quanto no modo como vivem os indivíduos.

Embora a globalização atinja a todos não é possível dizer que homogeneíze a vida das pessoas mesmo quando as distâncias temporais e espaciais podem ser vencidas pelos recursos tecnológicos existentes.

O mesmo vasto processo de globalização do mundo é sempre um vasto processo de pluralização dos mundos. O que cria a ilusão da integração, ou homogeneização, é o fato indiscutível da força do ocidentalismo, conjugado com o capitalismo (IANNI, 2001, p. 57).

A globalização, como apontou Bauman (1999), é um processo que nos afeta a todos, porém não na mesma medida e nem da mesma maneira. Algumas pessoas a vivenciam como fluxo de informação, sensação de liberdade e facilidade de mobilidade geográfica. São pessoas para as quais as permanentes mudanças do mundo contemporâneo trazem vantagens porque as coloca em contato com outros povos e também com produtos advindos dos mais diferentes lugares.

No entanto, outras pessoas são ainda mais fixadas espacialmente, não dispõem dos recursos necessários nem para que lhes sejam permitidas viagens, nem para que lhes permitam acesso à rapidez das comunicações, o que as colocam em desvantagem em relação às primeiras. Elas não deixam de sofrer os efeitos desvantajosos da fixidez em tempos de valorização da mobilidade.

No entanto, mesmo que seja possível alegar tamanho fluxo informacional, a circulação das frases não surgiu com a intensificação do acesso à Internet, elas se espalharam em livros vendidos nas mais renomadas livrarias, em placas de caminhão que viajam nas estradas, em *pichações*³ feitas em muros das cidades, em portas de banheiros públicos, em adesivos colados em automóveis, etc.

Esses locais de circulação de frases podem compreender aforismos, citações, ditados, lemas, máximas, provérbios ou outros tipos de textos verbais. Na maioria das vezes tratam-se de frases curtas e concisas que podem trazer,

³ Pichações são frases escritas ou rabiscadas em paredes, muros, fachadas de edificações públicas ou privadas, entre outros com o uso de tinta spray e/ou semelhantes. Essas escritas costumam ser usadas como forma de manifestação, como protesto, mas também como insulto. Em alguns casos marcam a existência de grupos.

por exemplo, mensagens de esperança e otimismo, indicações sobre como lidar com situações tristes ou de conflito, críticas à política e/ou à economia e ironias.

Meu interesse por esses pequenos textos têm relação com minha ligação com a leitura das mais diversas publicações. Desde criança, meus pais, lá pelas oito horas da noite, liam até que eu pegasse no sono. Algumas histórias fascinantes sensibilizaram a minha criatividade e curiosidade sobre a trama reservada para o final que estava por vir.

Em 1976, com seis anos, iniciei minha vida estudantil em Porto Velho, RO. Aproveitei os momentos de criação do meu irmão as voltas de seus desenhos. Nesses momentos, além de conversar com os personagens que criávamos aproximei-me das histórias em quadrinhos. Daí as “possíveis leituras” das revistas em HQ serem bem-vindas. Chegar à tardinha em casa e ter um gibi novo a espera era muito bom!

No Ensino Médio, em Porto Alegre/RS, marcaram minha adolescência os livros e as leituras sugeridas por professores; vivi intensamente o ambiente escolar.

Atualmente, sou professora de Línguas e Literaturas da rede pública estadual. No IEEAB (Instituto Estadual de Educação Assis Brasil) trabalho há 18 anos. Embora tenha passado por escolas particulares e públicas pelotenses antes de assumir a posse do concurso público, é o IEEAB que considero minha segunda morada. Leciono para os alunos do Ensino Médio e, a cada ano letivo que se inicia, planejo e coloco no papel ideias novas visando estimular os alunos a tomarem gosto pela leitura. Muitos planos de estudos deram certo, outros nem tanto, mas sempre tive em mente experimentar sempre algo novo. Isso me satisfaz a cada começo.

Expandi “meus olhos críticos”, como diziam lá na faculdade de Letras, ao buscar uma continuação de estudos - o curso de Mestrado. Sentimentos e emoções não foram poucos e se intensificaram diante das propostas surgidas no Mestrado: ri, entristeci, chorei, lastimei, simpatizei... Nossa! Nesse trabalho a que me propus, as horas de estudos, sessões de orientações, leituras obrigatórias, seminários; a dedicação e o rigor devem ser levados muito a

sério! São necessárias horas de escrita e tranquilidade, realmente abre-se mão de coisas para essa caminhada.

Narrei parte de minha história de vida, sempre próxima da literatura e, apontei algumas das situações que têm me motivado a desenvolver este trabalho de pesquisa. Essas motivações associam-se a uma outra inquietação relativa ao modo como as mídias sociais têm modificado as possibilidades de as pessoas se relacionarem, mesmo que tenham interesses distintos e que interajam de diferentes formas.

Portanto, a circulação de frases em *fan pages* criadas na mídia social Facebook despertou meu interesse por entender que elas estariam preparando algo para as pessoas à medida que apontam, com grande frequência, modos de ser e de obter sucesso na vida. Um olhar mais detido sobre esse objeto de análise levou-me a fazer uma aproximação entre o conteúdo das postagens e as produções de autoajuda. Por esse motivo busco compreender como postagens no Facebook poderiam estar “ensinando” os indivíduos contemporâneos a viver mais e melhor à medida que enfatizam a responsabilidade que cada um teria por si mesmo.

A partir desse momento, nomearei as frases coletadas nas *fan pages* examinadas como frases curtas, denominação que optei em função de ser essa a forma mais recorrente na construção de páginas do Facebook. Destaco que, dessa maneira, busco escapar de qualquer classificação prévia das frases postadas nas *fan pages* selecionadas para o estudo durante o período de tempo adotado para coleta do *corpus* de pesquisa.

Para sistematizar a coleta de frases curtas postadas em *fan pages* do Facebook adotei alguns critérios que me permitiram fazer um recorte da imensa quantidade de material disponível. Por isso, acessei a página da mídia social Facebook (<https://www.facebook.com>) no dia 31 de março de 2015, usando o termo “frases” no seu mecanismo de busca para selecionar *fan pages* que registrassem mais de 900.000 curtidas. Além disso, optei por examinar postagens realizadas entre os dias 01 a 31 de março de 2015, excluindo aquelas que continham conteúdo religioso, humor e alusão a datas comemorativas.

A análise abordou, portanto, frases que apresentam como elemento comum dos textos verbais que fazem circular na Internet a aproximação com as produções de autoajuda, frequentemente valendo-se de indicações para que os indivíduos contemporâneos vivam mais felizes à medida que assumam ser os grandes responsáveis por si mesmos.

Assim, esta Dissertação se dedica a compreender como postagens realizadas em *fan pages* do Facebook, compostas por textos curtos que se assemelham às produções de autoajuda, comporiam uma forma de pedagogia cultural que ensina sobre o tipo de individualismo que se desenvolveu na era moderna e sobre como esses indivíduos são instigados a agir sobre si mesmos como se fossem os únicos responsáveis por sua vida.

Apontei como necessário para abertura desta pesquisa, no capítulo 2, os Estudos Culturais com sua abordagem interdisciplinar para estudos da cultura que possibilita estudar os modos como as pedagogias culturais estão participando da produção dos indivíduos contemporâneos. Participam dessa forma de pedagogias inúmeros artefatos midiáticos ao produzirem e reproduzirem vivências culturais das pessoas.

No capítulo 3, dialoguei com autores tais como Wandelli, Brunelli e Xavier para compreender melhor o que são hipertextos, buscando caracterizar sua construção escrita antilinear e descontínua como possibilidades da multilinearidade e interconectividade do texto. Tal esforço foi importante porque a cultura eletrônica dispõe de novas formas de escrita com tais características. Além disso, no mesmo capítulo apontei as estratégias metodológicas utilizadas para a elaboração desta Dissertação, tais como os procedimentos de seleção, recorte, coleta de material de pesquisa e a noção de discurso que pauta as análises desenvolvidas no estudo.

No capítulo 4 indico relações de discursos de prosperidade, sucesso, proatividade além das garantias de crescimento pessoal e profissional com postagens realizadas no Facebook que se assemelham a textos de autoajuda. Análise que foi construída em torno da noção de que os indivíduos contemporâneos produzem (governam) a si mesmos.

E, para o capítulo final, faço uma retomada da pesquisa ao destacar suas mais relevantes discussões a respeito dos discursos relacionados à

autoajuda encontrados nas *fan pages* do Facebook. Discursos esses que estão implicados nos modos como os indivíduos contemporâneos aprendem a conduzir a si mesmos para buscar atingir o sucesso na vida profissional, amorosa e espiritual.

2. Estudos Culturais e a Educação

Considerando que esta pesquisa se insere nos Estudos Culturais de vertente pós-estruturalista articulados ao campo da Educação abordo, neste capítulo, o referido campo de Estudos e as possibilidades que ele nos abre para desenvolver análises relativas a artefatos midiáticos.

2.1 Os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra, nos anos 1960, para discutirem a cultura escapando das tradições elitistas que predominavam até então. Os *Cultural Studies*, de seus precursores aos dias de hoje, passaram a compreender cultura como práticas de significações, se afastando daquelas definições que compreendiam a cultura como o que de melhor teria sido produzido no mundo.

Nessa época alguns pesquisadores que participaram da fundação do *Center Contemporary Cultural Studies* desenvolveram diferentes trabalhos de pesquisa, tal como relata Escosteguy (2006). Cito alguns deles, enfocando os seus objetos analíticos. Richard Hoggart, docente formador de alunos adultos operários no fim da Segunda Guerra, um dos precursores na pesquisa do campo dos Estudos Culturais, compôs seus estudos discutindo as relações entre a sociedade e a cultura contemporânea, as instituições vigentes, tal como as práticas culturais que demarcam mudanças sociais nos indivíduos e nas relações por eles estabelecidas.

Como relatou a autora (idem), Raymond Williams, que escreveu em 1958 o livro *Culture and Society*, participou da fundação do mesmo centro, definiu a cultura como uma maneira de viver em condições de igualdade de

existência. Esse autor, em sua produção intelectual, foi fortemente pautado pelas teorias marxistas, em particular, o materialismo cultural baseado na teoria crítica da Escola de Frankfurt. Sob essa perspectiva, a cultura é um processo de apropriação da produção humana e de validação de valores dentre os meios de produção.

Outro pioneiro em Estudos Culturais, Edward Palmer Thompson, que atuava como docente na formação de adultos e foi membro do Partido Comunista, entendia a cultura como uma conexão constituída pelas relações do indivíduo com o mundo no seu cotidiano.

E, finalmente Stuart Hall, o docente atuava em escolas de classe populares, também inspirado pela corrente marxista, desenvolveu estudos sobre as culturas populares e das audiências pelo viés de uma estratégia metodológica compreendida sob um enfoque etnográfico, abordava atores sociais diversos, seus valores e suas condições de vida.

No entanto, após o ano de 1968, os estudiosos vinculados ao *Center for Contemporary Cultural Studies* romperam com o movimento intelectual esquerdista vinculado ao Partido Comunista Inglês abrindo espaço para um afastamento dos Estudos Culturais das perspectivas marxistas. A partir de então, as análises culturais deixaram de focar as relações econômicas e de classe como centrais nos debates produzidos e, nos anos 1980, o foco novamente se desloca para o entendimento dos efeitos das mensagens emitidas pelos meios de comunicação. Além disso, Hall passou a inserir em seus trabalhos as diferenças de gênero, apontando o feminismo como uma das rupturas teóricas que mais teria alterado as análises culturais, reorganizando a agenda dos Estudos Culturais em termos concretos.

Escosteguy (2006) resume alguns aspectos os quais influenciaram os trabalhos com os Estudos Culturais: maior entendimento no plano pessoal e político na construção de objeto de estudo dos Estudos Culturais; centralidade nas questões de gênero e sexualidade; a noção de poder; inclusão das questões das subjetividades e do sujeito; uma reabertura entre a teoria social e teoria do inconsciente na psicanálise. E finaliza dizendo que

[...] a observação contemporânea de um processo de estilhaçamento do indivíduo em múltiplas posições e/ou identidades transforma-se tanto em tema de estudo quanto em reflexo do próprio vivido atualmente pelo campo dos Estudos Culturais: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente (ESCOSTEGUY, 2001, p12).

Desse modo, os Estudos Culturais, ao buscarem discutir a cultura, romperam com os limites das disciplinas ou áreas acadêmicas existentes em função de que os objetos analíticos não poderiam ser compreendidos a partir de cada uma delas isoladamente. Os Estudos Culturais, portanto, desde o seu surgimento, são tidos como interdisciplinares, antidisciplinares ou pós-disciplinares.

Cabe destacar que os Estudos Culturais não são uma disciplina acadêmica, mas uma área perpassada por disciplinas. Esse campo de Estudos, portanto, não se define como uma proposta rígida e definitiva não é um campo unificado, mas como um campo interdisciplinar no qual há preocupações e métodos que convergem para entender fenômenos e relações que não cabem nas disciplinas já existentes.

Uma das áreas que vem estabelecendo uma importante articulação com os Estudos Culturais é a área da Educação. Tal articulação tem explorado, em suas análises, as relações entre cultura e currículo escolar bem como as formas de Educação que se estabelecem em uma grande diversidade de espaços tais como os meios de comunicação.

Os Estudos Culturais articulados ao campo da Educação têm afastado-se tanto do que Silva (1999a) refere como Teorias Educacionais Tradicionais quanto das Teorias Educacionais Críticas, vinculando-se ao pensamento pós-moderno e pós-estrutural. Ao discutir as Teorias Tradicionais Silva (1999a) indica que a palavra currículo aparece pela primeira vez em 1918, na obra de John Franklin Bobbitt que escreve *The curriculum* e no trabalho de William Heard KilPatrick intitulado *The Project Method*. Essas obras são representativas das discussões sobre o currículo escolar associada às Teorias Tradicionais em Educação. Essas teorizações visavam o ajuste e a adaptação das formas dominantes do conhecimento ao currículo escolar, restringindo-se à atividade técnica de como elaborar o currículo.

O mesmo autor (idem), ao discutir as Teorias Críticas da Educação, aponta que essas se colocaram como uma literatura pedagógica mais progressista, e se afasta das discussões sobre o currículo e a didática tradicionais e tecnicistas até então muito valorizados.

As teorias críticas do currículo efetuaram uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais no momento em que desloca o foco dos debates das questões de eficiência do ensino para a importância de a escola buscar abranger todas as camadas populares, evitando que essa faça uma reprodução das desigualdades sociais.

Por conseguinte, as discussões sobre currículo afastaram-se da compreensão de que escola deveria guiar-se pelo conhecimento universal praticando uma pedagogia dos conteúdos e aproximar-se da compreensão de que a escola deveria, em síntese, buscar agir para a construção do conhecimento e para a conscientização dos mais diversos indivíduos. Passou-se a compreender, também, que os sujeitos escolares constroem significados na interação com os outros.

Essas discussões conferiram destaque à possibilidade de o currículo escolar atuar na constituição de uma sociedade melhor, mais democrática e igualitária. Assim sendo, as Teorizações Críticas enfatizaram o posicionamento de professores/as como intelectuais e transformadores/as bem como sobre a ação docente comprometida com a libertação dos/as estudantes.

Resumidamente, com as Teorizações Curriculares Críticas, surgiram diversos debates relacionados a questões de ideologia, cultura, hegemonia e poder, igualmente aos relacionados à classe, gênero, raça, economia e política. Enfim, as discussões passaram a focalizar os modos como os currículos escolares funcionam, como são confeccionados, como são produzidos e, conseqüentemente, como reproduzem os mais distintos significados e as práticas culturais.

Apesar disso, desde as últimas décadas do século XX tem-se registrado um esgotamento dos ideais da era moderna com as quais a escola sempre esteve implicada. Pode-se dizer que esse foi o contexto histórico-social em que surgiram importantes questionamentos às Teorizações Educacionais Críticas

que deram espaço para o que Silva (1999a) referiu como começo da pedagogia Pós-crítica.

As Teorizações Educacionais Críticas, por conseguinte, foram fortemente pautadas pelos ideais modernos. Ideais esses que inspiraram o Modernismo no campo das artes no final do século XIX. Peters (2000) revela, que com o Modernismo o artista rompeu com os modelos de períodos anteriores, da mesma maneira como ocorreu com o Realismo e o Naturalismo desobrigando-se, por exemplo, da objetividade que caracterizava as obras literárias.

Em vista disso, a partir de meados do século XX, surge o que pode ser referido como uma “outra relação com o modernismo” (PETERS, 2000, p.19).

Mas cabe ressaltar

O pós-modernismo não representa, entretanto, uma teoria coerente e unificada, mas um conjunto variado de perspectivas, abrangendo uma diversidade de campos intelectuais, políticos, estéticos, epistemológicos. Em termos sociais e políticos, o pós-modernismo toma como referência uma oposição ou transição entre, de um lado, a Modernidade, iniciada com a Renascença e consolidada como Iluminismo e, de outro, a, Pós-Modernidade, iniciada em algum ponto do século XX. Em termos estéticos, a referência relativamente a qual o pós-modernismo se define e o movimento modernista, iniciado em meados do século XIX, de reação às regras e aos cânones (SILVA, 1999a, p.111).

O pós-modernismo, por consequência, forneceu elementos para questionar o pensamento político e social preconizado na modernidade. Um pensamento que se elaborou pautado na razão e na ciência para estabelecer um tipo de sociedade melhor. Por isso, ao questionar o tipo de sociedade desejada na era moderna, o pós-modernismo abalou certezas edificadas em relação à educação escolar em função de que:

[...] nossas noções de educação, pedagogia e currículo estão solidamente fincadas na Modernidade e nas ideias modernas. A educação tal como a conhecemos hoje e a instituição moderna por excelência. Seu objetivo consiste em transmitir o conhecimento científico, em formar um ser humano

supostamente racional e autônomo e em moldar o cidadão e a cidadã da moderna democracia representativa (SILVA, 1999a, p.111).

Ou seja, as discussões que marcaram o esgotamento da era moderna apontaram que o sujeito racional, autônomo, consciente e centrado na ação social, uma ficção que a escola moderna ajudou a criar, está no centro tanto das teorizações Tradicionais quanto das teorizações Críticas. O sujeito moderno não corresponde a nenhum estado prévio ou original dos seres humanos que a educação faria aflorar, qualquer tipo de sujeito é sempre “o resultado dos dispositivos que o constroem como tal” (SILVA, 1999a, p.121).

As discussões relativas ao pós-modernismo estão intimamente relacionadas às discussões sobre pós-estruturalismo. Resumidamente, a distinção entre pós-modernismo e pós-estruturalismo diz respeito a que o primeiro é mais abrangente que o segundo que, por sua vez, diz respeito a uma mudança em relação à linguagem a partir do que ficou conhecido como Virada Linguística.

Conforme Peters (2000), o estruturalismo francês teve sua origem na linguística estrutural dos trabalhos de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. O modelo linguístico de Saussure e Jakobson possibilitava uma análise científica da linguagem como sistema de diferenças e das estruturas, esse rompeu com os moldes humanistas e românticos que existiam até então. Ferdinand de Saussure constituiu, uma ciência geral dos signos que estabeleceu a Linguística como uma ciência autônoma. Suas inquietações propuseram forte influência em elaborações teóricas nos campos da Literatura e dos Estudos Culturais, além de servirem como base para o crescimento do estruturalismo no século XX. Foi Roman Jakobson quem cunhou, em 1929, o termo estruturalismo para designar a abordagem analítica “cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado”. (PETERS, 2000, p.20).

No entanto, esse movimento ganhou novos contornos nos anos 1960 com as discussões que ficaram conhecidas como pós-estruturalistas. As discussões que foram produzidas desde então colocaram a linguagem como central no processo de construção e circulação de significados. Segundo Hall

(1997) essas discussões problematizaram o pressuposto de que as coisas existem no mundo de forma independente das descrições que são feitas delas, passando a argumentar que a linguagem constitui os objetos e não apenas os descreve e nomeia. É importante destacar que as discussões pós-estruturalistas não negam a existência material das coisas, mas mostram que não há produção de significado fora da linguagem. Ou seja, os significados não são oriundos dos próprios objetos, mas, do funcionamento da linguagem. Por esse motivo, a fixidez do significado cede espaço a um afrouxamento da rigidez antes recorrente no estruturalismo.

Considerando que a linguagem apresenta fluidez, indeterminação e incerteza indica-se que os significados nunca se fixam. A noção de linguagem pós-estruturalista tem feito pensar sobre como se estabeleceram binarismos tais como masculino/feminino, heterossexual/homossexual, branco/negro, científico/não científico, entre outros, à medida que mostra como os binários foram produzidos e que essa construção poderia ter sido diferente.

Stuart Hall (1997b), no texto *The work of representation* descreve o chamado circuito da cultura, o que inclui a representação, a identidade, a produção, o consumo e a regulação cultural; apontar a ligação entre cultura e linguagem através dos modos como os significados são partilhados por indivíduos pertencentes a uma mesma cultura. Discussão essa que se inscreve na perspectiva pós-estruturalista acima referida.

Ao descrever o circuito da cultura o autor (idem) indica que a linguagem funciona como um sistema de representação que possibilita para os indivíduos o partilhamento de valores, ideias, sentimentos, emoções, conceitos e saberes. A representação, sendo assim, está ligada aos modos como as pessoas conferem, coletivamente, sentido para as coisas do mundo. Hall (1997b) mostrou que a cultura é um processo, um conjunto de práticas de produção de significados. Enfim, as pessoas partilham significados pelos modos como conferem, coletivamente, sentido para as coisas do mundo. Como exemplo é possível apontar os gestos os quais fazemos com as mãos quando nos comunicamos e queremos nos despedir, dizer que estamos felizes ou tristes, pedir para que alguém pare, indicar um caminho a seguir, etc. A representação,

neste caso, diz respeito a inscrição, marca ou traço, a uma face material, visível e palpável do conhecimento.

A identidade cultural é outro ponto do circuito da cultura que ajuda a pensar a ligação entre cultura e linguagem. Elas, as identidades culturais, compreendem o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupo, apontando o que os seus membros participantes são. Aquilo que esses sujeitos são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Por isso, como apontou Silva (1999), diferentes grupos usam a representação para produzir suas identidades culturais. Mas isso não se faz sem que se travem batalhas em torno da criação e da imposição de significados, há sempre relações de poder envolvidas.

E, sob essa perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais que tem sido possível estudar os modos como diferentes artefatos culturais têm promovido formas de aprendizagem, pontos que trato no subcapítulo a seguir.

2.2. As Pedagogias Culturais

A noção de Pedagogias Culturais possibilita discutir os modos como os artefatos midiáticos, na contemporaneidade, têm exercido uma função pedagógica. As Pedagogias Culturais apontam, conseqüentemente, para uma ampliação do que se compreendia como espaços formativos, na área de Educação. Assim, não apenas as escolas são tomadas como promotoras de ensino/aprendizagem, mas também filmes, peças publicitárias, textos de jornais e revistas fotografias, desenhos animados, programas de TV, sites da Internet, entre outros.

Como mostrou Giroux (1995, p. 90)

Ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia,

a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional da aprendizagem.

A possibilidade de discutir as “aprendizagens” que se processam a partir dos diferenciados artefatos culturais, advém da mudança na noção de cultura que os Estudos Culturais promoveram, da qual falei acima. Complementa essa discussão os estudos de Costa (2003) que na articulação entre os Estudos Culturais com a área da Educação, teria aberto espaço para o estudo de artefatos culturais tomando-os como produtivos objetos analíticos.

É por intermédio de análises que tomam artefatos de cultura como objetos de pesquisa que podemos compreender o quanto as pedagogias exercidas por estes artefatos são produtivas na constituição dos sujeitos, na composição das identidades, a disseminação das práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade (COSTA, 2003, p. 55)

Ao discutir como a pedagogia pode ser compreendida como uma manifestação cultural e como a cultura possui um estatuto pedagógico, Silva (1999a) explicou os efeitos da virada cultural para a teorização curricular. A partir dessa virada, deixou de fazer sentido uma dicotomia que colocava o conhecimento acadêmico e escolar de um lado e as formas não acadêmicas de saber de outro. Aliás, uma dicotomia que sempre colocava os saberes escolares/ acadêmicos em posição de privilégio. Para os Estudos Culturais todo conhecimento atrelado, por um sistema de significações é cultural e concatenado com as relações de poder.

É dessa perspectiva que os Estudos Culturais analisam instâncias, instituições e processos culturais aparentemente tão diversos quanto as exposições de museus, filmes, livros de ficção, turismo, ciência, televisão, publicidade, medicina, artes visuais, música. Ao abordá-los, todos, como processos culturais orientados por relações sociais assimétricas, a perspectiva dos Estudos Culturais efetua uma espécie de equivalência entre essas diferentes formas culturais (SILVA, 1999a, p.139).

Logo, essa forma de perceber o que é cultural, permite depreender que educação e cultura “estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade” (SILVA, 1999a, p.139). É isso que propicia afirmar que a cultura é pedagógica do mesmo modo que a pedagogia é uma forma cultural.

É sob esse viés que o autor (idem) faz alusão ao entendimento de que os processos escolares são equiparáveis aos processos de sistemas culturais que se desenvolvem fora do ambiente escolar. Cito exemplos como um comercial nas mídias de um “*book trailer*”; que é semelhante ao *trailer* de um filme de cinema e possui imagens de cenas da história do livro com fundo musical que estimulam o desejo de compra do/a leitor/a. Esse formato de publicidade admite ao mercado editorial o uso de uma ferramenta nova de marketing para lançar novos livros com mensagens e duração entre vinte e noventa segundos.

A imagem abaixo mostra um desses *books trailers* disponibilizados no Youtube. Esse exemplo trata de um menino, Auggie, nascido com uma síndrome genética, cujo efeito aparente é uma deformidade facial, embora tenha passado por inúmeras cirurgias e complicações médicas. A história narrada no *book trailer* expõe que esse menino nunca esteve em uma escola, sua educação se deu em casa com professores particulares. Situação que está para mudar, o seu quinto ano ocorrerá em uma escola situada em Nova Iorque. Auggie, à vista disso, terá que enfrentar várias situações para se sentir bem e permitir que os outros lhe vejam além da face que possui.



Figura 1: Auggie

Fonte: www.intrinseca.com.br/blogdasseries/2013/08/extraordinario-sera-relancado-com-nova-capa/
Acesso em: 26 dez. 2015.

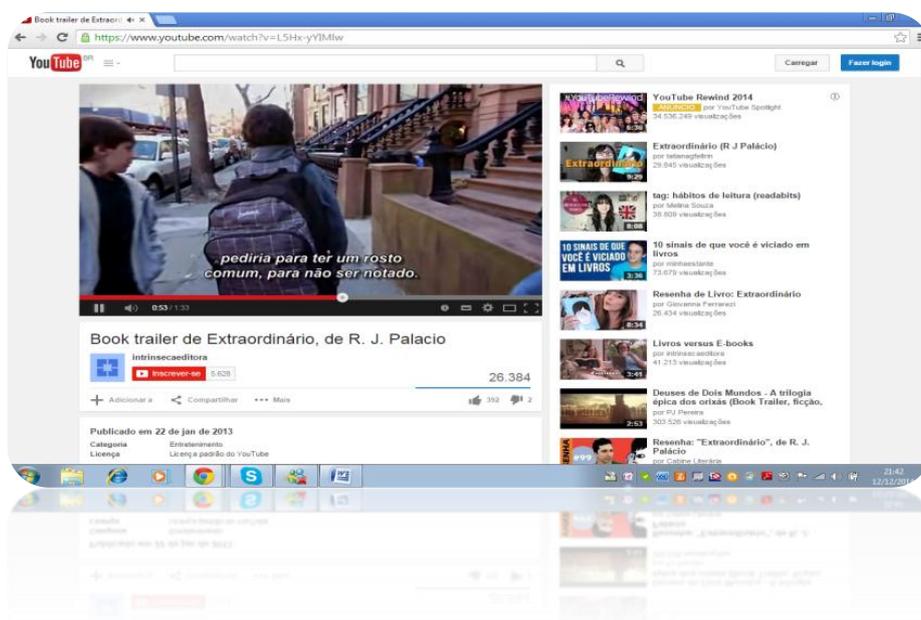


Figura 2: Book trailer Auggie

Fonte: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF8#q=book%20trailer%20do%20extraordinario>
Acesso em: 26 dez. 2015

Esse material seria tão pedagógico quanto uma leitura programada em sala de aula e exposições de produções textuais realizadas na escola.

É importante salientar que, sob a ótica da teoria curricular contemporânea, um currículo escolar é um artefato cultural, uma invenção social como outra qualquer que focaliza diversas formas de conhecimento. E, assim sendo, não podemos ignorar os saberes requeridos em um currículo escolar, também é impossível afirmar que as pedagogias culturais envolvidas na vida das pessoas sejam ignoradas pela teoria curricular contemporânea. Essas pedagogias têm sido importantes na constituição dos sujeitos contemporâneos, elas “apelam para a emoção e a fantasia, para o sonho e a imaginação” (SILVA, 2001 p.140) como nenhuma outra.

Contudo, mesmo sem uma intenção explícita de ensinar um conteúdo em particular, as Pedagogias Culturais podem contribuir de forma considerável, como apontou Kellner (2001), para a configuração dos modos de vida que as pessoas assumem, para a construção das noções de raça e de etnia, de gênero, de classe, tal qual para a elaboração do que as pessoas consideram certo ou errado, boa ou má e útil ou inútil, por exemplo. Além disso, como asseverou o mesmo autor (idem) trata-se de uma pedagogia da sedução.

Não se trata de um sistema de dominação que obriga as pessoas a assumirem determinadas opiniões e a seguirem comportamentos a elas relacionados. A cultura da mídia e do consumo promove formas prazerosas de pertencimento que seduz seus públicos e os gratifica de muitas formas. (KELLNER, 2001, p.165)

Nessa perspectiva, Steinberg (1997) pontuou que há pedagogia em todos os lugares onde o saber é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. Os artefatos midiáticos, por exemplo, estão implicados na produção de gostos e opiniões; independe da idade, classe ou gênero.

Valendo-se do conceito de Pedagogias Culturais a autora (idem) discute como as pedagogias culturais produzem um currículo cultural. Um exemplo disso, é a produção de uma *Kindercultura* (STEINBERG, 1997) ao público infantil. Dentre os artefatos que compõem essa cultura está a boneca Barbie imbuída de valores morais e sociais norte-americanos selecionados pela

fabricante (Mattel). Por conseguinte, fazem parte dessa forma de cultura as campanhas publicitárias da McDonald's que, por sua vez, deflagram a cultura da família tradicional americana.

Como destaca Silva (2011, p.141) a empresa McDonald's tem adotado escolas públicas onde se insere em seus currículos conhecimentos de nutrição e meio ambiente que são pertinentes a multinacional.

O exemplo acima referido ajuda a indicar que tanto as produções da mídia quanto o currículo escolar podem ser compreendidos

[...] como artefatos culturais – sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto da relação de poder. A crítica curricular torna-se, assim, legitimamente, também crítica cultural (SILVA, 2011 p.142).

Assim, a produtividade em analisar as “aprendizagens” associadas às Pedagogias Culturais está em apreender como as pessoas se subjetivam dos mais diversos modos. Segundo Costa (2009) as formas de subjetivação associadas às Pedagogias Culturais estão ligadas, também, à cultura do consumo que parece pautar cada vez mais os modos como vivemos.

Por isso, é significativo assinalar que os artefatos da mídia tendem a serem fortemente conectados com uma cultura de consumo, uma cultura que atinge a todas as pessoas mesmo de modo desigual.

As identificações que se produzem valendo-se de elementos provenientes dos textos da mídia não se restringem somente aqueles poucos indivíduos capazes de comprar todos (ou pelo menos uma boa parte) os produtos oferecidos pelo mercado. A busca dos prazeres, das novas sensações, do desfrute do corpo e da liberdade em relação aos compromissos da vida adulta tem atingido a todos. Assim, pela via do consumo, o mercado estaria oferecendo formas de iniciar os modos de vida jovem desde muito cedo, podendo permanecer desta forma por quase toda a vida. (KEHL, 2005, p. 94).

O desejo de usar os mais diversos bens faz com que as pessoas penetrem na cultura do consumo e em uma sociedade de consumidores

(BAUMAN, 2008). Os indivíduos contemporâneos estão cada vez mais tendo seus modos de ser e viver imbricados com o que os artefatos da mídia lhe oferecem. Aliás, o potencial de consumo de cada sujeito, as condições do consumidor em obter este ou aquele produto, tal qual a sua adesão ao que é valorizado pela mídia, pode tornar “alguém” mais interessante, ou seja, alguém que se aproxima do que o autor (idem) refere como consumidores válidos.

Nessa perspectiva, em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2008), nossa sociedade estaria se tornando uma sociedade de consumidores. Nessa sociedade, tanto o ato de consumir quanto o descarte do que não se constitui mais em uma “novidade da hora”, não podem ser adiados. Essa dinâmica se faz necessária para que os habitantes das sociedades de consumo possam deleitar-se novamente.

Trata-se, por consequência, de uma sociedade em que todos “devem” orientar suas escolhas em função do que é mais valorizado pelo mercado consumidor, além de se tornar mercadorias vendáveis. Ou seja, uma sociedade na qual os sujeitos são promotores das mercadorias e, também, as mercadorias que os promovem; uma simultaneidade entre o produto e seus agentes de marketing (BAUMANN, 2008).

A cultura de consumo, à vista disso, insere cada vez mais a todos em suas malhas, há uma insolúvel contradição interna de uma sociedade que estabelece para todos os membros um padrão de felicidade que a maioria desses ‘todos’ é incapaz de alcançar (BAUMAN, 2008).

Outro trabalho realizado a partir da noção de Pedagogias Culturais foi intitulado *Consumo e Identidades Nerd / Geek, aprendendo a ser jovem em um mundo líquido-moderno* (BICCA, ESTEVES, 2013). Nesse texto é discutido o modo como os sites produzidos por jovens *nerd/ geek* estão implicados na constituição ativa de identidades culturais. Nessa pesquisa, foram examinados 16 entre um conjunto de 51 sites acessados nos meses de setembro e outubro do ano de 2011 e do conjunto de 46 sites acessados nos meses de setembro e outubro do ano de 2012. Esses 16 sites foram selecionados em função ao modo como vinculam o pertencimento a um grupo cultural juvenil e, ao consumo de objetos e textos midiáticos. Sobre essa questão, Bicca, Esteves

(2013, p.2) comentaram que grupos culturais juvenis, identificados pelas expressões *nerd/geek*:

[...] parecem ter suas ansiedades captadas pelo mercado global que, por sua vez, promete, pela via do consumo, formas de pertencimento e de realização pessoal/individual. Muitos/as integrantes desse grupo cultural produzem *sites* nos quais fazem circular seu interesse por uma série de temas tais como o uso dos mais variados artefatos tecnológicos, livros, roupas, filmes de ficção científica, jogos eletrônicos, histórias em quadrinho, seriados de TV, entre outros itens que consomem.

Um terceiro exemplo de trabalho acadêmico inserido nesse campo de Estudos é o artigo intitulado *Uso de Sites na Pesquisa em Educação: desafios contemporâneos para investigação*, de Provin e Fabris (2011). A pesquisa foi realizada para potencializar o *site* como um espaço produtivo para a pesquisa em Educação indicando como objetivo visibilizar a inclusão textos contidos em *sites* de doze Universidades Comunitárias Gaúchas. As autoras (*idem*) argumentam que essa pesquisa compreende os *sites* como espaços de produção de conhecimento, por isso elaboraram a mesma, primeiramente, realizando uma busca na Web a fim de capturar *sites* das universidades, logo a seguir, foram localizadas informações concernentes a temática de interesse e, posteriormente, os *sites* foram agrupados de diferentes formas para análise. A concretização da análise faz com que os conceitos de inclusão/exclusão, imperativo, acessibilidade e governamentalidade exerceram suas funções como ferramentas em gerenciamento e estratégias das Universidades Comunitárias Gaúchas.

Esses três estudos mostram, cada um à sua maneira, como diferentes artefatos culturais que estariam contribuindo para “formar” os indivíduos contemporâneos. Indivíduos, aliás, fortemente ligados às mais diversas formas de consumo de bens, serviços e estilos de vida. Se, como destaca Canclini (1995), o consumo pode ser olhado, uma forma de análise, como se estabelecem os modos como as pessoas vivem, então o consumo está associado com a constituição de identidades culturais em função dos sentidos em que são atribuídos ao uso de bens.

Esses trabalhos auxiliaram, também, a pensar que *fan pages* do Facebook funcionam como formas de artefatos culturais a partir dos quais se processam aprendizagens/ensinamentos e que possibilitam constituir os indivíduos de determinados modos. Em outras palavras, quando frases curtas circulam entre usuários dessa mídia social aparecem conselhos e indicações para que as pessoas exerçam sobre si mesmas uma série de ações. Por esse motivo, as frases se assemelham com as produções de autoajuda. Vale lembrar que mesmo sem um caráter autoritário, as frases indicam o que é “obrigatório” fazer para obter sucesso e felicidade à medida que apresentam tais indicações como grandes verdades.

Vale assinalar que as publicações de autoajuda são obras que prometem ensinar fórmulas infalíveis para a realização bem-sucedida de uma série de tarefas, tais como: ter sucesso profissional e financeiro, conquistar autoconfiança, o parceiro ideal ou um emprego melhor, curar doenças crônicas, resolver problemas de personalidade, etc. No seu conjunto pode-se pensar as frases que são objeto de análise desta dissertação como um “manual” para viver bem no século XXI.

3. Para tomar *Fan Pages* como material de pesquisa: procedimentos metodológicos

Se a escrita favoreceu a cultura letrada nos ambientes em que floresceu, provavelmente a escrita eletrônica promoverá uma cultura eletrônica pautada em novas formas de escrita. Por esse motivo, para descrever as estratégias metodológicas usadas para a elaboração desta Dissertação considerei primeiramente detalhes relativos aos textos em circulação na Internet, em especial, aqueles que apresentam características de aforismos e, em um segundo momento, os procedimentos de seleção e coleta de material de pesquisa, do mesmo jeito que a noção de discurso que pauta as análises desenvolvidas no estudo.

3.1 Algumas considerações sobre frases curtas postadas no Facebook

Os recursos eletrônicos de comunicação, como apontou Marcuschi (2010), reúnem em um só meio as várias formas de expressão, especificamente o texto verbal, as imagens e os sons, característica que muda a natureza dos recursos linguísticos na comunicação mediada por computador.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em só meio várias formas de expressão. Tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados (MARCUSCHI, 2010 p.16).

Além do mais, a intensidade da interação que os recursos digitais promovem, exige rever algumas noções sobre gêneros textuais já existentes. Se tomarmos os gêneros textuais como uma forma situada histórica,

socialmente e que serve para propósitos de comunicação específicos, disse o autor (idem), é fácil perceber que a comunicação está produzindo novos gêneros de texto que estão sendo referidos como gêneros digitais, entre os quais estão o *blog*, o *chat*, o *e-mail*, a videoconferência e a lista de discussão.

Para Marcuschi (2010) muda o gênero textual. Porém é importante

[...] que não tomemos a contextualização como um simples processo de situar o gênero em uma situação exteriorizada, mas sim como enquadre cognitivo, os gêneros virtuais são formas bastante características de contextualização (p. 21)

Dessa forma, é possível dizer que as *fan pages* nos quais estou interessada como objetos analíticos não apenas veiculam informação ou promovem entretenimento, mas mudam a forma de sociabilidade entre as pessoas. Para Marcuschi (2010, p. 16) “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Um exemplo disso, é compreender que a participação em *chats* pode ser visto como ir a uma grande festa onde participamos levando os nossos recursos de linguagem e não bebida ou comida.

É importante salientar o que os gêneros digitais permitem repensar na relação entre a oralidade e fala. Não podemos mais considerar a escrita apenas como uma forma de comunicação necessariamente assíncrona, em que há uma defasagem temporal além de ter a produção do texto e a sua leitura por outra pessoa. Os bate-papos virtuais são síncronos mesmo que a comunicação seja predominantemente escrita acrescenta Marcuschi (2010).

Mas não é tudo novo na Internet, há tanto novidades quanto continuidades em relação às formas textuais mais antigas. Entre as novidades Marcuschi (2010) destaca três pontos: o primeiro diz respeito à forma como a linguagem é utilizada valendo-se de uma ortografia incomum, uma pontuação reduzida ao mínimo, exageros de siglas e abreviaturas, construções discursivas distantes da norma-padrão da língua; o segundo ponto diz respeito à integração de várias semioses e o último está relacionado a mudanças nos gêneros textuais.

Todos os gêneros textuais relacionados à Internet são baseados na escrita mesmo que incorporem imagens e sons. Trata-se de uma escrita que possui mais informalidade do que a escrita padrão a fim de funcionar como uma forma rápida de troca de mensagens. Não se trata, portanto, de uma fala por escrito, mas de um hibridismo entre a fala, a escrita e os demais recursos de comunicação.

Ou ainda, como disse Yates (2000, p.233), com as tecnologias digitais temos “uma espécie de radicalização do uso da escrita” em que essa assume uma forma mais econômica, bem mais reduzida para o uso dos recursos linguísticos inseridos nos gêneros digitais.

Outro efeito importante relacionado ao desenvolvimento e uso da Internet é a produção de uma linguagem própria, repleta de termos relativos à própria rede que passam a ser usados em diferentes situações. Essa situação, como explicou Galli (2010), estaria ajudando a produzir: uma linguagem universal e globalizada que muitas vezes incorpora vocábulos da língua inglesa a outras línguas.

É com essa perspectiva que atentarei para as frases curtas postas em circulação em *fan pages* do Facebook buscando analisar os textos verbais componentes dessas postagens. Tratam-se de frases que se assemelham aos textos de autoajuda na medida que se apresentam como indicadores de alternativas, soluções ou respostas imediatas para as situações da vida cotidiana que as pessoas teriam de enfrentar.

As publicações de autoajuda, como registrou Brunelli (2011), tem apresentado fórmulas que prometem sucesso pessoal e profissional, o que inclui, por exemplo, a realização profissional, a conquista de bens materiais, o aumento da autoestima e da autoconfiança, o encontro de um grande amor e a cura de doenças.

Em geral, esses textos se apresentam como um conjunto de orientações práticas e breves que apontam como alcançar algum objetivo à medida que um indivíduo consegue colocar em ação um conjunto de preceitos a seguir e/ou receitas práticas a serem prontamente executadas e lhe exigem mudar a si mesmo indicando, inclusive, formas específicas de agir.

A autoajuda teria se multiplicado, em síntese, ela produz o que poderia ser entendido como um manual de sobrevivência para os indivíduos contemporâneos, um guia que dispensa as discussões de suas teses apresentando-as como verdades. Criam-se verdadeiras receitas para combater a angústia, a falta de confiança em si e nos outros, o medo, a incerteza, a insegurança os quais resultariam em obstáculos para uma vida feliz.

Segundo Brunelli (2011), há uma aforização da autoajuda em função do uso frequente nas suas obras de excertos de textos bem mais longos ou constituam-se em textos curtos desde sua primeira elaboração.

Cabe, no entanto, atentar para os textos que são denominados aforismos e os quais podem ser pensados como “uma bagagem leve e compacta de mão da literatura” (GEARY, 2007, p.20). Segundo o mesmo autor (idem), os aforismos incitam a busca de uma atitude “eles saltam da página e se desdobram dentro da pessoa” podendo mudar a vida de alguém (GEARY, 2007, p.18). Eles se espalham em livros vendidos em renomadas livrarias, placas de caminhão, portas de banheiro público (onde costumam ter um tom fortemente irônico) e *fan pages*.

Dias (2015), ao discutir a produção de aforismos mostrou que o termo “Aphorismós”, entre outras acepções, significa definição curta. Talvez por isso “é quase irresistível depararmo-nos com um bom aforismo e não compartilhá-lo. A internet popularizou ainda mais essa prática, dando oportunidade para que todos exibam as frases que os fizeram compreender uma verdade universal” (DIAS, 2015).

Geary (2007), ao abordar aforismos produzidos em diferentes épocas, comentou que eles não se apresentam como frases vazias ou apenas tentam ser cordiais, não se limitam a serem escritos em cartões destinados a alguma forma de saudação ou comemoração, eles trazem consigo o inesperado, o repentino, o perturbador, o íngreme e fazem questão de “provocar” sentimentos e instigarem reflexões acintosas, rápidas tal como se potencializarem pelas mundivivências das pessoas, o que inclui, também, as constantes reflexões as quais são realizadas perante a vida.

Pelo motivo acima mencionado e por se colocarem como uma mensagem que apresenta marcas de personalidade de quem o escreveu, os aforismos, segundo Geary (2007), seriam passíveis de serem usados com rapidez frente as eventualidades da vida, para auxiliar na escolha do rumo a tomar ou o que se irá fazer tanto na felicidade quanto nos infortúnios.

3.2 Estratégias de seleção, recorte e análise do material de pesquisa

O recorte do corpus de pesquisa foi realizado a partir da discussão sobre metodologias de pesquisa para internet elaborada por Fragoso, Recuero e Amaral (2012) visando abordar material oriundo da mídia social ORKUT. Nessa discussão são mostradas as estratégias de seleção de material a partir do mecanismo de busca da referida mídia social para localizar um grupo de perfis de usuários/as que apresentassem uma peculiaridade de interesse da pesquisa.

Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2012, p.55)

[...] a internet é um universo de investigação particularmente difícil de recortar em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os conteúdos) e dinâmica (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração de conjunto se modifica a cada momento).

Os trabalhos de Dieb, Araújo e Vasconcelos (2014), Freda e Recuero (2014) que abordaram a análise de *fan pages* do Facebook também foram importantes para pensar o recorte de material. No primeiro trabalho, os autores (idem) realizaram análise de postagens do Facebook destacando o modo como fizeram o recorte temático e a seleção das postagens que compuseram a análise.

No segundo trabalho, como as autoras destacaram (*idem*), cada postagem do Facebook está associada com curtidas, comentários e compartilhamentos. As curtidas representam a aprovação de outras pessoas para o que foi postado, o comentário permite bem mais do que a curtida abrindo espaço para que algum tema seja discutido e os compartilhamentos fazem a postagem ser replicada, ampliando seu âmbito de circulação muitas vezes acompanhados de novos comentários. Os comentários e os compartilhamentos, por permitirem que algo seja escrito por outros/as usuários do Facebook, possibilitam manifestações diversas que não apenas as de aprovação.

Atentar para isso ajuda a pensar que números de curtidas, comentários e compartilhamentos são critérios de seleção de material para uma pesquisa. Como o Facebook registra o número total de curtidas que a página recebeu até aquele momento, adotamos esse critério para eleger quais delas que comporiam o material de pesquisa.

Contudo, sejam quais forem os critérios usados para selecionar um material oriundo da internet, é necessário explicitá-los para que fique bem marcado qual o recorte realizado. Nenhuma dessas estratégias foi tomada como modelo a ser seguido são, isto sim, fontes de estratégias que podem ser adequadas para qualquer mídia social, possibilidades abertas para lidar com um material tão amplo e dinâmico quanto o que está disposto na internet.

Por esse motivo, para sistematizar uma pesquisa que aborde um material tão disperso quanto o uso de frases na Internet, procedi a seleção do *corpus* de análise da seguinte forma: acessei a página da mídia social Facebook (<https://www.facebook.com>) no dia 31 de março de 2015, data em que digitei no mecanismo de busca de páginas da mesma mídia social o seguinte termo: frases.

O mecanismo de busca do Facebook selecionou uma longa listagem de páginas a partir desse termo. Como seria impossível abordar na pesquisa um

material tão vasto, adotei como critério o número total de curtidas⁴ registradas pelos/as usuários/as das páginas. Considerando que algumas páginas possuíam um número de curtidas muitas vezes superior a tantas outras estabeleci o número de 3.000.000 curtidas como valor mínimo para inclusão da *fan page* no *corpus* analítico.

Desconsidere as páginas pessoais, páginas de grupos fechados, páginas dedicadas a um/a autor/a, páginas dedicadas a uma temática específica e páginas cujo nome não fosse escrito em língua portuguesa. Esse recorte garantiu que somente páginas com acesso livre a qualquer usuário/a fizesse parte da pesquisa.

Esse procedimento levou-me a localizar as seguintes páginas e a registrar o número total de curtidas na data de 31 de março de 2015:

Nome: Frases Curtas net.

Número de postagens: 42.

Endereço: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet?fref=ts>

Número de curtidas: 982.256

Nome: Frases Curtas.

Número de postagens: 25.

Endereço: <https://www.facebook.com/frasescurtas?fref=ts>

Número de curtidas: 3.335.646

Nome: Frases para o Face.

Número de postagens: 23.

Endereço: <https://www.facebook.com/frasesparafaceoficial?fref=ts>

⁴ Curtir encontra-se logo abaixo de uma publicação no Facebook. É um recurso visível e numerável, em forma de ícone, que expressa para as demais pessoas se o usuário gostou da postagem visualizada e, não necessita comentários.

Número de curtidas: 3.685.548

Após a definição de quais seriam as páginas que comporiam o *corpus* analítico, adotei como critério para a seleção das postagens a serem examinadas o período de tempo de 01 a 31 de março de 2015. A fim de evitar que exista alteração posterior no que havia em cada uma das páginas após a data de 31 de março de 2015 salvei todas as postagens em arquivo gerado de *software* Word, suporte de registro que independe de conexão da Internet.

Com esse trabalho obtive um total de 90 postagens coletadas sendo 42 da Fan Page frases Curtas Net, 23 da Fan Page Frases para o Face e 25 da Fan Page Frases Curtas. Para melhor sistematizar o material de análise, exclui postagens que não contivessem texto verbal e que se constituíssem em memes de humor, manifestações religiosas, referências a datas comemorativas, propagandas de produtos e serviços. Sendo que a análise foi composta por 46 postagens que apresentaram articulação com as discussões deste estudo.

Lembrando que essa dissertação visa compreender como as *fan pages* criadas na mídia social Facebook têm contribuído para produzir e colocar em circulação o discurso da autoajuda criando um guia de indicações que aponta ser o indivíduo o único responsável pela sua própria felicidade, destaco que as análises culturais aqui realizadas focalizaram os textos verbais contidos nas postagens mesmo que estivessem inseridos em imagens na sua publicação.

Por sua vez, cabe destacar que nada que seja significativo existe fora do discurso, ou seja, o conceito de discurso não trata da existência ou não das coisas e sim do modo como a linguagem está implicada na produção de significados das coisas do mundo. Assim não é possível dizer que o discurso se limite a nomear coisas que já estejam presentes, além de nomear, ele cria coisas. Discurso não pode ser compreendido como um:

[...] conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais

que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1997, p. 56).

A abordagem possibilita perceber como a linguagem age para produzir os objetos do saber, regular condutas, construir identidades e subjetividades. Tal compreensão pós-estruturalista de discurso mostra que nada que seja significativo existe fora dele.

De acordo com essa percepção, um discurso é composto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva (FOUCAULT, 1997). Esses enunciados estão implicados em produzir efeitos de verdade, ou seja, determinar o que pode ser tomado como verdade em cada época e o que distingue enunciados verdadeiros dos falsos.

A verdade está ligada ao funcionamento do poder e é sempre inseparável dos processos que a estabelece. Para Foucault (1995) o poder é produtivo, ele se exerce por mecanismos sutis que formam, organizam e fazem circular saberes. Trata-se de:

[...] um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita; torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Resumidamente, pode-se dizer que há sempre uma ligação entre poder e saber, o que leva a compreender que os saberes são sempre provisórios e constituídos culturalmente. Ao entender que a verdade é produzida e não corresponde a uma essência ou natureza das coisas, não cabe na análise desmistificar, desfazer visões equivocadas ou distorcidas.

A abordagem discursiva possibilita mostrar como a linguagem age para produzir os objetos do saber, para regular as condutas dos outros e, também, para elaborar os modos como os indivíduos agem sobre si mesmos. Indicar

como os discursos de autoajuda perpassam as frases postadas em *fan pages* do Facebook pode ajudar a apreender o que está sendo requerido por muitos indivíduos contemporâneos para praticarem uma forma de cuidado de si, ponto que vou abordar no capítulo seguinte.

Camargo (2008) apontou que os hábitos alimentares pautados em discursos sobre alimentação saudável têm constituído uma modalidade contemporânea de cuidado de si. Neste caso, atender às verdades postas nesses discursos levariam às práticas relativas a alimentação que propiciariam a cada indivíduo inserção no grupo socialmente mais valorizado, a constituição do mesmo como aquele que gosta de si e, por isso tem cuidados com o próprio corpo. Assim, os indivíduos agem para garantir sua longevidade, prolongar a juventude, atender a padrões relativos à saúde e obter um corpo esbelto. Mas isso não é realizado para que o corpo sirva de base para o cultivo do intelecto e do espírito como ocorria na Grécia Antiga, como por exemplo, agora o corpo é cuidado porque ele mesmo é o objetivo final.

Paraíso (2007), em sua análise de textos midiáticos destinados a professores/as brasileiros que em conjunto denomina de Mídia Educativa, abordou, entre outras questões, o modo como os discursos que perpassam tal mídia se valem da prescrição de técnicas de si para produzir formas de subjetivação docente.

Nesse ínterim, os discursos educacionais da mídia educativa instigam professores/as a exercerem sobre si mesmos um conjunto de ações que incluem autoavaliação e autorreconhecimento para levá-los a entenderem a si mesmos como conectados a tais discursos educacionais e então esclarecidos, dedicados, amorosos, afetivos e competentes. As técnicas de si acionadas pelos discursos educacionais, dessa vez, acabam produzindo determinadas formas de docência que a mídia apresenta como modelos a serem seguidos.

Possivelmente, os enunciados postos pelo discurso de autoajuda estariam compondo os recursos para que as pessoas possam agir sobre si mesmas, adequando-se a seus preceitos tal como ocorre com relação à alimentação saudável e com a produção de docentes de determinado tipo, que referi acima. Essas seriam modalidades de cuidado de si que se gestam no mundo contemporâneo. Mesmo que eu não esteja argumentando que as

pessoas simplesmente sejam passivas em relação a todos esses discursos, cabe mostrar que não se trata de algo “essencial” ou “natural”, algo que sejamos obrigados a tomar como verdades indiscutíveis em qualquer época e local. É sempre importante atentar para a que as “verdades” postas por discursos são históricas e contingente.

Conceber como os discursos de autoajuda funcionam instigando que os indivíduos ajam sobre si mesmo, constitui-se um modo em criar formas de resistências a esses mesmos discursos. Isso implica lançar um olhar de estranhamento para os discursos de autoajuda visando desnaturalizá-los e problematizá-los ao invés de acionar seus modelos de conduta.

4. A produção de um indivíduo capaz de cuidar de si no discurso da autoajuda

As postagens que integram o material de pesquisa desta Dissertação apresentam-se escritas, como já referi antes, de tal forma que remetem a aforismos associados ao gênero da autoajuda. Algumas dessas colocações fazem isso usando palavras que expressam uma ordem, um pedido, uma orientação e/ou um conselho. Isso pode ocorrer quando é indicada uma ação a ser realizada como, por exemplo, faça, cuide, ouse, arrisque, não desista, etc. Mas isso pode ocorrer, também, quando o texto valoriza formas de ser e de agir levando cada indivíduo a inferir os modos de conquistar seus objetivos.

Das mais diversas formas, as frases apontam a produção de um tipo específico de indivíduo que tem sido valorizado pela governamentalidade neoliberal e mostrado como esse mesmo indivíduo deve agir sobre si mesmo na busca pelo sucesso, pessoal e profissional, e pela felicidade. Isso faz com que todas as postagens possam, em alguma medida, indicar elementos para as discussões que este trabalho precisou abordar. Por isso, a divisão do texto deste capítulo em seções serve como estratégia para pontuar algumas “verdades” postas pelo discurso da autoajuda, verdades essas que poderiam ser discutidas, também, a partir de outras formas de agrupar as postagens.

Algumas escolhas necessitavam ser feitas. Na primeira parte do texto, apontei as postagens que apresentam indicações das ações que os indivíduos são compelidos a fazer para refletir sobre a produção de um tipo particular de indivíduo. Na segunda parte, reúno textos curtos que apontam algumas estratégias que a autoajuda estaria usando para ensinar a cada um como conquistar a sua felicidade, estratégias essas fortemente articuladas às tecnologias do eu, ponto que vou abordar na sequência deste capítulo.

4.1 A produção de um tipo específico de indivíduo

Início a discussão com postagens que apresentam diretamente ações a serem realizadas por um indivíduo sobre si mesmo. Segundo Marín-Díaz (2012) as obras de autoajuda têm divulgado e promovido o desenvolvimento de todo um conjunto de exercícios e técnicas de condução dos indivíduos por eles mesmos. Entre essas técnicas pode-se referir a memorização de regras de conduta, os exercícios de concentração, a leitura, a escrita, a meditação, etc., que levariam a ensinar as pessoas a viver melhor e a obter felicidade com tranquilidade, aproveitando-se o que cada um possui de melhor e promovendo a mudança de tudo o que pode representar alguma dificuldade.

As práticas aceitas como pedagógicas, por estarem inscritas no campo de saber pedagógico, podem ser pensadas como ações que se destinam a formação e definição dos modos como os outros agem, ou seja, podem ser pensadas como formas de governo porque promovem exercícios destinados a transformação do indivíduo levando-o a enquadrar-se nos modos de vida de seu grupo social. O mesmo pode ser pensado em relação às “[...] práticas orientadas para a condução da conduta dos indivíduos por eles mesmos” (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 37).

Tais práticas podem ser encontradas em *talk shows*, aconselhamentos promovidos por jornais, programas de TV, sites da Internet bem como por consultorias para pessoas e empresas, grupos de apoio para as mais variadas aflições humanas, etc. Em todas essas situações cada um necessita reconhecer a si mesmo como capaz de agir para promover sua própria transformação, desaprender o que já lhe é arraigado e aprender a conduzir-se de formas que possibilitariam o sucesso e a felicidade.

A autoajuda tem, nesse contexto, buscado ensinar cada um a agir sobre si mesmo para definir e estabilizar uma certa forma de individualidade capaz de reconhecer em si mesmo algo passível de transformação “através de um conjunto de exercícios e técnicas, de modo a atender às demandas do seu

tempo e a conseguir certa estabilidade, sossego, prazer, satisfação, etc.” (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 37).

Os discursos de autoajuda estariam, portanto, estreitamente relacionados a uma forma de individualização voltada para a obtenção da prosperidade, do sucesso, do crescimento pessoal e profissional. Ou ainda, um indivíduo visto como o maior responsável por todas as situações e circunstâncias em que se encontra, com o dever de ser proativo e de saber acionar suas habilidades e competências individuais. Enfim, um indivíduo que tem a si mesmo como uma forma de capital.

Por esse motivo é possível dizer que os discursos de autoajuda estariam requerendo uma forma de individualidade bastante valorizada pelas sociedades neoliberais, uma individualidade produzida em torno da possibilidade em que cada um faça investimentos sobre si mesmo. Aliás, algo que só foi possível com a articulação de tecnologias de governo de si e dos outros que vêm, desde o surgimento das sociedades ocidentais modernas, possibilitando formas de identificação permanentes que consolidam o que chamamos de “eu”.

Como explicou Marín-Díaz (2012), o “eu” que os discursos da autoajuda presumem existir não é um dado prévio, é o resultado das tecnologias de governo que se desenvolveram como uma expressão da racionalidade de governo liberal e que mais tarde muda sua ênfase com o desenvolvimento das formas de governo neoliberal. Uma forma de jogo de identificação que, inicialmente, significou a construção da identidade moderna orientada para que os indivíduos se reconheçam a si mesmos como individualidades e que precisam cada vez menos de controle, vigilância e regulação externos e, desde meados do século XX, tem sido levada a suas mais altas expressões para colocar no centro os indivíduos que mais assumem o governo de si mesmos.

Ao desenvolver a análise dos modos como se produziu o que chamamos de indivíduo moderno, Foucault (1987) mostrou em detalhes como essa forma de individualidade está relacionada aos mecanismos disciplinares que apareceram, primeiramente nas escolas, hospitais, quartéis, prisões e hospitais entre os séculos XVI e XVII.

São mecanismos que produzem a docilidade dos corpos à medida que se valem das distribuições ou do princípio do quadriculamento que dispõe “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo” (Foucault 1987, p.123); da regulação do tempo empregado na produção de qualquer tarefa evitando-se qualquer forma de ociosidade; da decomposição de cada atividade em frações que devem ser executadas de forma a garantir a qualidade do todo; da composição das forças empregadas para que os corpos sejam eficientes enquanto partes de um todo complexo como se fosse uma engrenagem que precisa funcionar bem para que a máquina tenha a eficácia esperada. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT,1987, p.119).

Os mecanismos disciplinares, com essas estratégias, possibilitaram que uma forma de poder fosse aplicada “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1987 p.117). Um poder ininterrupto que visa gerir, controlar, reparar, utilizar, transformar, hierarquizar e aperfeiçoar cada corpo. Ou ainda, que visa aproximar cada indivíduo ao desempenho considerado ótimo, ou ainda, que visa normalizar.

A disciplina ao possibilitar essa forma de ação sobre o corpo produz uma forma de individualidade que é

[...] celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas; constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar” (FOUCAULT,1987, p.141)

Contudo, as disciplinas não ficaram restritas ao âmbito das instituições de sequestro, seus mecanismos foram expandidos para todo o corpo social. De certa maneira, criou-se uma rede de dispositivos que percorria toda a sociedade, como mostrou Foucault (1987). Isso teria ocorrido com a explosão

demográfica que se iniciou no século XVIII, na Europa. O poder disciplinar teria passado a gerir, além do corpo de cada indivíduo, a população.

A individualidade moderna formou-se conectada não apenas com a ação das disciplinas mas, também, com a possibilidade de governar a população, ou seja, conduzir a conduta dos indivíduos.

Logo, foi possível os Estados que existiam na Europa nos séculos XVIII e XIX atentarem para a criação de condições infraestruturais com vistas a permitir a autorregulação dos processos sociais, econômicos e pessoais. Segundo Foucault (2008a, p. 87) o liberalismo se propõe a “produzir o necessário para tornar você livre” ou agir “de tal modo que você tenha a liberdade de ser livre”, não significa, que essa forma de governar seria mais tolerante e que outras formas seriam mais autoritárias.

Como explicou Marín-Díaz (2012, p. 110), emergiu a

[...] racionalidade liberal na qual se produziram modos de existência que levaram os indivíduos e coletivos a se tornarem sujeitos desses modos concretos de ser e estar no mundo: sujeitos autorregulados nos modos que coincidem desejos, esperanças, decisões, necessidades e estilos de vida com objetivos governamentais.

Gerir a população implica administrar processos tais como a natalidade, a morbidade, a mortalidade, a incidência de doenças epidêmicas e endêmicas, tal como criar condições de segurança pública, promover a previdência social, atentar para a habitação, o saneamento básico e esgoto, entre outros, sempre a um político e econômico mínimo. O que passa a vigorar, segundo Foucault (2008a), diz respeito a governar não mais a partir do modelo da família em que se gerenciava cada um dos seus membros, mas administrar fenômenos que são irreduzíveis ao modelo da família e que apresentam regularidades que só as estatísticas fazem aparecer. Isso significa que os estados modernos se tornaram cada vez mais governamentalizados.

Sobretudo, a partir de meados do século XX, uma nova racionalidade de governo emerge e ganha força: a que foi se instituiu nos Estados Unidos da América sob influência das análises oriundas da Escola de Chicago nos anos

1960 que tem a Teoria do Capital Humano como uma de suas expressões mais significativas.

Gadelha (2009, p. 151) resume a governamentalidade neoliberal dizendo que

[...] trata-se de uma governamentalidade que busca programar estrategicamente as atividades e os comportamentos dos indivíduos; trata-se, em última instância, de um tipo de governamentalidade que busca programá-los e controlá-los em suas formas de agir, de sentir, de pensar e de situar-se diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem, através de determinados processos e políticas de subjetivação: novas tecnologias gerenciais no campo da administração (*management*), práticas e saberes psicológicos voltados à dinâmica e à gestão de grupos e das organizações, propaganda, publicidade, *marketing*, *branding*, literatura de autoajuda etc.

A governamentalidade neoliberal norte-americana se produziu expandindo o domínio de ação das análises oriundas da economia para o que, até então, era considerado exterior à economia, o saber, as relações sociais e os comportamentos dos indivíduos. Nesse contexto, o neoliberalismo produz o indivíduo como um empresário de si mesmo, como o nomeia Foucault (2008b). De certa forma, o neoliberalismo retoma o *homo economicus* já conhecido nas análises econômicas anteriores, mas não o toma como homem da troca e sim como homem da empresa e da produção, como aquele que toma ele próprio como o seu capital. A Teoria do Capital Humano permite usar os elementos de análise do jogo econômico para pensar, em especial, o comportamento humano. Sob essa ótica, o indivíduo investe sobre si mesmo como se fosse um empresário que busca obter ganhos, movimenta investimentos, formaliza a competição (FOUCAULT, 2008b). Assim cada um é transformado em sujeito-microempresa, disposto a comercializar todas as relações humanas à medida que as inscreve em relações de concorrência.

Para que um indivíduo possa administrar a si mesmo como administraria a uma empresa é importante que aprenda a assumir a responsabilidade por si mesmo e compreenda duas potencialidades como formas de capital. Por esse

motivo, é possível compreender que um dos importantes enunciados do discurso da autoajuda é a atribuição da responsabilidade do indivíduo por gerir a si mesmo. Responsabilidade que está associada a uma centralidade conferida ao indivíduo bem como a necessidade de que esse faça investimentos em si mesmo visando a autotransformação. As postagens que apresento a seguir permitem pensar essa questão pelas indicações diretas que fazem para que as pessoas ajam sobre si mesmas.

Segundo Marín-Díaz (2012) a escrita de textos de autoajuda tem se valido de formas de expressão que sugerem que um/a escritor/a estaria se dirigindo diretamente para um leitor/a criando uma forma de proximidade que ajudaria a tornar o que é dito muito confiável. Além disso, como a autora (idem) também registrou, diferentes textos de autoajuda têm se valido de formulações curtas e normativas para apresentar elementos que levariam a autotransformação dos indivíduos.

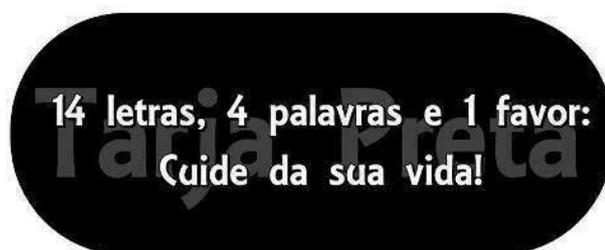


Figura 3: Tarja Preta

Fonte:

<https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/973456595998641/?type=1&theater>

Acesso: 15 mar. 2015

43 pessoas curtiram isso.

Na primeira postagem apresentada acima, a faixa preta idêntica àquela demarcada em remédios controlados contém palavras de mando que reforçam uma espécie de alerta; recomendação obrigatória e prescrição a ser sempre seguida e/ou considerada.

Essas mensagens apresentam uma ordem, um ditame, um imperativo que coloca o/a leitor/a do texto na obrigação de atentar para si mesmo, responsabilizando-se pela própria vida sem que tenha possibilidade de contestação. Essa é a posição que o indivíduo inserido no discurso de

autoajuda deve assumir. Ao fazer isso, cada frase pode ser compreendida, também, como uma indicação para que o/a leitor/a se preocupe consigo mesmo e não com os outros.

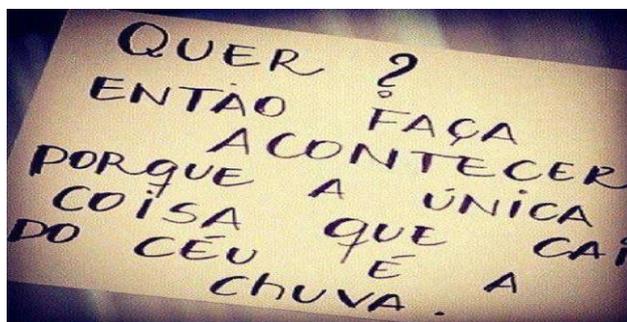


Figura 4: Quer?

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/969289079748726/?type=1&theater>
Acesso : 07 mar. 2015
28 pessoas curtiram isso.

A outra postagem coloca o indivíduo na obrigação de agir para que seu objetivo seja alcançado. Essa inicia-se com uma indagação questionando o/a leitor/a sobre o que ele/a deseja, ambiciona ou tem vontade. Adicionado a ela há um jogo de palavras que remete a um chavão bem usado popularmente “nada cai do céu” a não ser o que sejam consequências de fenômenos naturais, tal como a chuva.

A mensagem afirma que qualquer conquista é o resultado de atitudes a serem tomadas por aquele indivíduo, e por mais ninguém. Esperar pelos outros ou adiar a busca da realização do que se almeja é como querer que as realizações sejam resultado da sorte ou algum presente a ser recebido. As postagens que vêm logo a seguir falam sobre atitudes que o indivíduo deve tomar na trajetória da vida, assumindo a responsabilidade por si mesmo.



Figura 5: Ouse, arrisque, não desista...

Fonte:

<https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/968620619815572/?type=1>
Acesso: 06 mar.2015
44 pessoas curtiram isso.

A indicação em ousar, arriscar, não desistir do que almeja e valorizar aquelas pessoas que lhe amam. É dessa forma que se deve agir para que as pessoas que lhe são importantes sintam-se valorizadas e respeitadas. As frases apontam, em última análise, que a felicidade pode ser plenamente alcançada no momento em que o indivíduo separa o que é indispensável de todo o resto.

As postagens são atravessadas pelo discurso da autoajuda na medida em que afirmam a responsabilidade de cada indivíduo por si mesmo, um indivíduo que age visando a sua própria felicidade, que persiste em seus propósitos de sucesso e que não se preocupa em demasia com os outros.

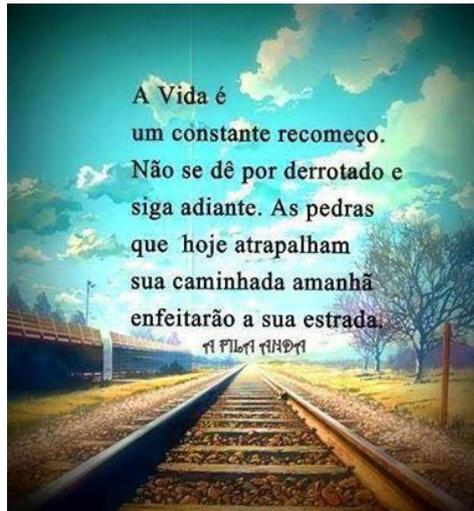


Figura 6: A vida é...

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/971301019547532/?type=1&theater>
Acesso: 11 mar. 2015
24 pessoas curtiram isso

Ao dizer que a vida é um constante recomeço a postagem faz indicação de que para viver é necessário reconhecer os erros e recomeçar tantas vezes quantas forem necessárias. Por isso, a mensagem apresentada decorre do entendimento de que é preciso lutar mediante os conflitos que surgem na vida. Essa mensagem, enfim, exige que o indivíduo olhe para si mesmo, reflita, julgue suas ações a partir de discursos em que está inserido e que permitem posicioná-lo. .



Figura 7: Lute

Fonte:
<https://www.facebook.com/frasesparafacial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/825649064155762/?type=1&theater>
Acesso: 17 mar. 2015
1.078 pessoas curtiram isso

Obstáculos que impediram alguém de ser feliz, em algum momento, poderão otimizar seus objetivos de sucesso se forem tomados como aprendizagem, experiência de vida ou sinalizadores do melhor caminho a seguir.

Entretanto, não apenas as frases que apresentam indicações sobre o que fazer ao utilizar expressões tais como ouse, arrisque, não se dê por vencido, lute, etc, que cumprem a função de auxiliar a “ensinar” os indivíduos contemporâneos a serem os grandes responsáveis por si mesmos. Há outras postagens, integrantes do material de pesquisa desta dissertação, que o fazem à medida que permitem compreender essa busca da felicidade como algo necessário a ser realizado todos os dias.

As postagens que exponho logo a seguir ajudam a pensar o imperativo que recai sobre o indivíduo contemporâneo agir sobre si mesmo de maneira mais sutil, ou seja, fazem indicações sobre como cada um deve agir valendo de forma indireta de apontar ações.



Figura 8: William Shakespeare

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.

Na figura 8 há uma recomendação para as pessoas se relacionarem umas com as outras e se preconiza uma atitude: uma de certa moderação quanto aos relacionamentos em jogo. Em outras palavras, é recomendada a cautela de calar-se em situações em que falar pode representar uma forma de comprometer-se com opiniões, de vista pessoal ou declarações que possam gerar problemas ou arrependimentos. Tal cautela teria relação com a possibilidade de que as palavras não sejam bem compreendidas pelas outras pessoas.



Figura 9: Um dia desperdiçado

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/976357399041894/?type=1>

Acesso: 20 mar. 2015

50 pessoas curtiram isso.

Na figura 9, a sugestão que é bem-vinda e bem simples: rir. Rir significa obter alguma forma de proveito que adviria de manifestar que se está feliz. A postagem recomenda, portanto, ser feliz a cada dia para que a vida tenha proveito. A compreensão de que cada um é responsável por tornar sua vida proveitosa e não um tempo desperdiçado é reforçada pelo uso de destaque em algumas palavras da frase.

Em contrapartida, como é pontuado na postagem de número 10, há sempre um aprendizado relacionado ao que acontece a cada indivíduo.



Figura 10: Nada dura para sempre

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

O discurso de autoajuda instiga cada a compreender os acontecimentos como elementos de algo maior, momentos pelos quais é necessário passar. Há nessas recomendações a necessidade em aceitar alguns desígnios que a vida apresenta a cada um. Existe, de forma sutil, uma indicação à resignação, se as

adversidades da vida são apresentadas como experiências válidas para que o indivíduo se fortaleça, a tendência é que não exista tanta revolta ou relutância.

Há necessidade também de aceitar algumas perdas para que seja possível atingir algo que fora definido como mais importante. Enfim, como não é possível ter tudo é necessário fazer escolhas e compreender no que elas implicam.

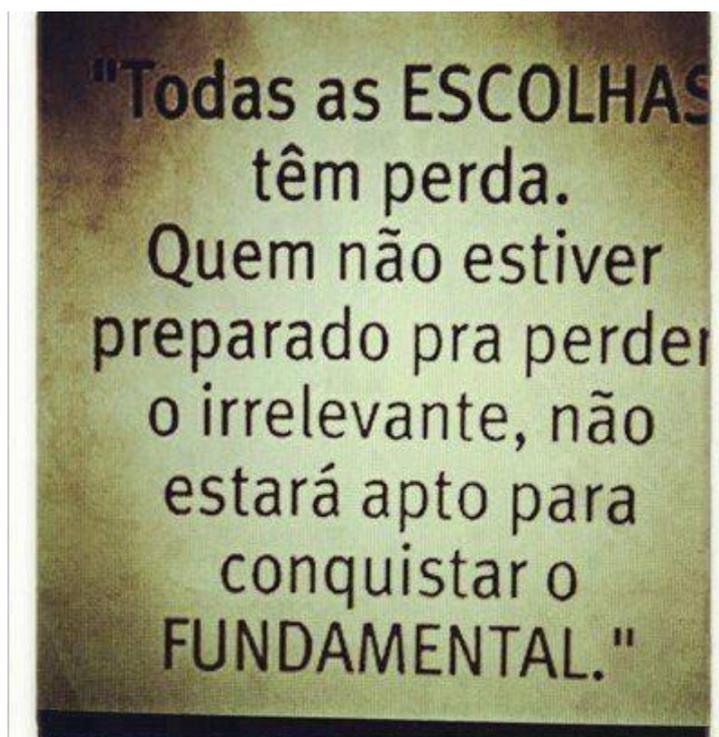


Figura 11: Escolhas

Fonte: <https://www.facebook.com/frasesparafacial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/831291913591477/?type=1&theater>

Acesso: 20 mar. 2015

1.078 pessoas curtiram isso

A postagem de número 11 aconselha o/a leitor/a a preparar-se para definir o que é mais importante e “abrir mão” do que não é, de tudo o que desviará os esforços da meta almejada. Esse conselho enfatiza que será necessário ter momentos de desânimo em que se lamenta alguns eventos para que seja possível atingir algum objetivo. Só está apto a uma grande conquista, portanto, quem puder separar o “irrelevante” do “fundamental”.

Retomando o que as postagens abordam é possível dizer que o discurso de autoajuda ensina os indivíduos a conferir prioridade a administração de sua

própria vida tomando as relações de mercado como chave para a realização de tal tarefa. Por esse motivo, cada um é instigado a cuidar de si mesmo, a agir para que aquilo que almeja aconteça, a ousar, arriscar e tomar a iniciativa sabendo que se trata de um investimento que, como outros, oferece riscos. O indivíduo se vê compelido a olhar para si mesmo como uma forma de capital a ser gerido e por isso deve entreter-se consigo mesmo e com os outros como se cada um fosse uma microempresa (FOUCAULT, 2008b).

Outro ponto a destacar é que agir como se estivesse sempre investido em uma empresa implica correr riscos, por esse motivo os discursos da autoajuda ao acionarem o enunciado de que os indivíduos devem tomar a responsabilidade por si mesmos reiteram a necessidade de estar preparado para recomeçar a cada investimento fracassado. A compreensão de que os obstáculos e as frustrações podem ser transformados em valor de troca se compreendidos como momentos de aprendizagem é também presente nesses discursos. Dessa forma, o esforço de lidar com uma dificuldade ou com um fracasso representaria um acréscimo ao que o indivíduo tem a oferecer e algo que poderá render a longo prazo. Enfim, qualquer ação do indivíduo passa a ter que ser avaliada racionalmente segundo relações de custo e benefício.

Ao indicar o que os indivíduos contemporâneos devem fazer para ser felizes os discursos de autoajuda participam dos modos como funciona a governamentalidade neoliberal que não prescinde de, como já indiquei acima, atuar relativamente às ações, sentimentos, pensamentos e formas como esses indivíduos situam-se diante do mundo e de si mesmos. Ou seja, os discursos de autoajuda estariam ensinando os indivíduos a tomar os princípios econômicos como normativos para si mesmo e para toda a sociedade, princípios esses que ajudam a transformar os indivíduos em microempresas que estabelecem relações de concorrência. São indivíduos inseridos em uma cultura do empreendedorismo que os investe em tecnologias e mecanismos de governo que fazem de sua formação uma forma de competição que pode ser medida por algum índice de produtividade (GADELHA, 2009).

Um indivíduo capaz de tomar conta de si mesmo, priorizar o que efetivamente pode levar a consecução de determinados objetivos, não desistir em situações de adversidade, compreender os fracassos como momentos em que se acumula saberes para enfrentar adversidades futuras, por exemplo,

podem muito bem caracterizar indivíduos proativos, inovadores, flexíveis, capazes de mudar suas ações constantemente se seu objetivo assim o exigir e capazes de aproveitar oportunidades inesperadas que a cultura do empreendedorismo tanto valoriza. Para Rudiger (2010), o crescimento da literatura de autoajuda desde o século XIX, destinada especialmente às camadas sociais mais privilegiadas, tem buscado habilitar o indivíduo a tomar conta da própria vida, seja pelo cultivo moral da consciência seja pelo cumprimento dos deveres para consigo e para com os outros.

Os discursos de autoajuda, dessa forma, participam de uma ampla rede discursiva que compreende o que acontece com a inserção do empreendedorismo nas escolas, com a promoção de projetos sociais, assistenciais e esportivos, todos apontados como capazes de promover melhorias sociais porque estariam preparando os indivíduos para adquirir a capacidade de aprender por si mesmo em qualquer momento de suas vidas para que seja adaptável a quaisquer situações e inovador.

Portanto os processos educativos, inclusive aqueles que se processam através de pedagogias culturais da autoajuda, são vitais por transformarem os indivíduos em empreendedores de si mesmos que competem acirradamente entre si a fim de se valorizarem no mercado. Busca-se produzir, como explicou Gadelha (2009), indivíduos que se reconhecem como livres e como os únicos responsáveis pela sua trajetória de vida, capazes de viver em risco permanente em virtude de suas escolhas, competitivos, proativos, inventivos, flexíveis, adaptativos, capazes de aprender sozinhos e empreendedores. Enfim, trata-se de um indivíduo eficaz em agir sobre si mesmo.

4.2 As ações do indivíduo sobre si mesmo

Larrosa (1994), visando discutir o modo como os dispositivos pedagógicos constroem e medeiam a relação do indivíduo consigo mesmo, analisa o que há em comum entre uma aula de educação moral para crianças na qual elas aprendem uma gramática para se expressar e para interpretar a si

mesmas, uma atividade de narrativas pessoais na educação de adultos em que cada um deles é instigado a relatar suas vidas a partir de um texto que lhes foi disponibilizado e uma atividade de autorreflexão com professores.

Nesses três exemplos, buscou-se “[...] produzir, capturar e mediar pedagogicamente alguma modalidade da relação da pessoa consigo mesma, com o objetivo explícito de sua transformação” (LARROSA, 1994, p. 51). Ou ainda, são exemplos de técnicas destinadas a produzir alguma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, ou de produzir certas formas de subjetivação.

Esse tipo de atividade envolve o cuidado de si que, por sua vez, diz respeito a práticas que “constituem e medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma” (LARROSA, 1994, p. 54).

Em todas as sociedades existiram técnicas destinadas à relação da pessoa consigo mesma. Diferentes das técnicas de dominação, em que umas pessoas agem sobre as outras, as tecnologias do eu

[...] permitem aos indivíduos efectuarem um certo número de operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante (FOUCAULT, 1993, p. 207).

A produção ativa das pessoas se dá pela experiência de si que é resultante da junção

[...] de tecnologias óticas de autorreflexão, formas discursivas (basicamente narrativas) de autoexpressão, mecanismos jurídicos de autoavaliação, e ações práticas de autocontrole e autotransformação (LARROSA, 1994, p. 38).

Considerando que, sob a perspectiva aqui assumida não há qualquer realismo, substância imutável ou essência do eu, é possível mostrar que

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se cruzam discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam o seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994, p. 43).

Os indivíduos

[...] não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir (LARROSA, 1994, p. 54 -55).

A experiência de si se produz quando cada indivíduo fala sobre si mesmo decifrando-se, descrevendo-se, interpretando-se, julgando-se, etc. Algo que a autoajuda parece estar ajudando a promover quando regulam e modificam as relações dos indivíduos consigo mesmos e com os outros. Um repertório de ações sobre si que os textos curtos analisados neste trabalho podem estar ajudando a colocar em circulação e ensinando os indivíduos do início do século XXI a usar à medida que as apresentam como uma necessidade que todos/as teríamos que atender e como uma qualidade dos indivíduos contemporâneos.

Por esse motivo, produzem-se práticas que levam cada um ao autoconhecimento, ao autocontrole, a autonomia, a autorregulação, a autodisciplina, ao aumento de sua autoestima como maneiras do indivíduo se relacionar consigo mesmo.

O discurso da autoajuda precisa “ensinar” os indivíduos a agirem sobre si mesmos a partir de algumas técnicas. Outro passo a seguir é o modo como o discurso da autoajuda estaria acionando recursos relacionados às tecnologias do eu para que tais aprendizagens aconteçam. Entre esses recursos destaquei a ação sobre as próprias emoções, a eliminação dos entraves para que o sucesso aconteça e a condução da relação com as outras pessoas.

Apresento a discussão de cada um desses pontos em três seções do trabalho que foram construídas, inserindo na sua parte inicial as postagens que tais temas se destacam.

4.2.1 Agir sobre as próprias emoções



Figura 12: Chore

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.

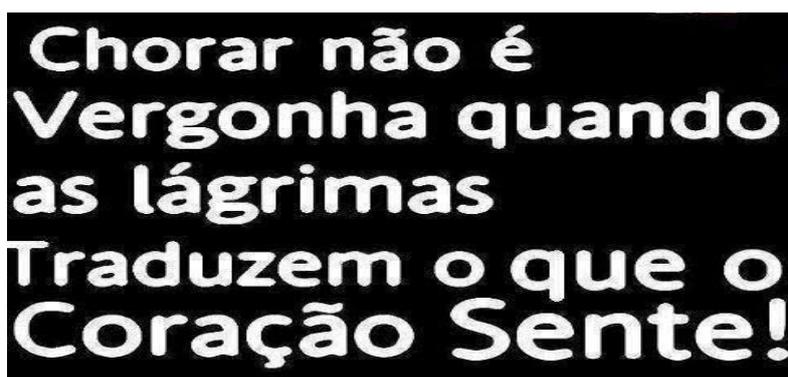


Figura 13: Chorar

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.

Cérebro:
Chega, esquece!
Coração:
Vai, tenta mais uma
vez.

Figura 14: Cérebro/coração

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>
Acesso: 27 mar. 2015
60 pessoas curtiram isso.

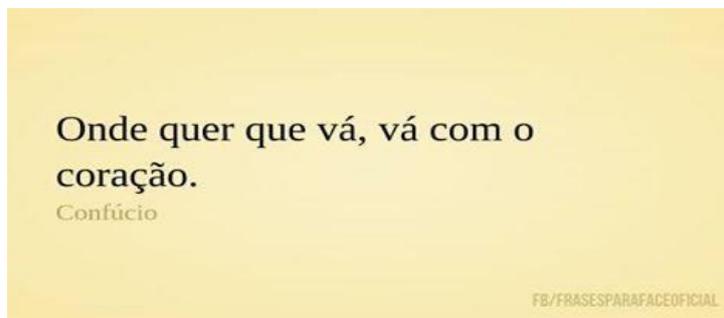


Figura 15: Onde quer que eu vá...

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>
Acesso: 27 mar. 2015
60 pessoas curtiram isso.

Essas postagens indicam como lidar com as angústias, as tristezas e os insucessos. Para isso, o discurso da autoajuda envia para o enunciado o que se pode ser considerado importante para os momentos em que o indivíduo está enfrentando suas dificuldades e como consegue agir sobre suas emoções.

Expor o choro se torna aceitável e até belo se isso significar a expressividade dos sentimentos. Ele, além disso, é mostrado como uma das práticas em “colocar para fora” o sofrimento de alguém e as possibilidades em resguardar as dores e as mágoas. O choro não representaria uma fraqueza mas, isto sim, uma forma de ação sobre si mesmo.

Ao colocar a palavra forte entre aspas, é uma das frases acima apresentada, ela propõe certa desconfiança com a onipotência, no que se refere para aquela pessoa que não tem o hábito de chorar, e se mostra durona com os sofrimentos diários. Porém, concomitantemente produz ao contrário - ser forte é enfrentar qualquer situação da vida sem negar as sensações e

sentimentos individuais. Por isso, a ação sobre si inclui o alívio que perpassa no ato de chorar, ele propicia o amenizar das dores.

Há nessas recomendações, nas postagens logo acima, a ideia da necessidade de aceitar alguns desígnios que a vida revela a cada um. Sutilmente, as postagens enviam uma indicação às maneiras em resignar-se aos momentos os quais poderão suceder. Se as adversidades da vida são apresentadas como experiências válidas para que o indivíduo se fortalecer, o conselho traz como tendência ao espraiar para longe a revolta ou a relutância.

A figura 15 refere-se em seguir o coração, o órgão, em sentido abstrato, que é capaz de guardar as emoções e sentimentos mais próprios do indivíduo. Mas para isso é necessário relativizar a primazia do cérebro, associado ao pensamento, à razão e à logicidade. Assim, a pessoa para ser feliz deve ouvir os palpites da sua essência propriamente dita ao invés, apenas, do seu intelecto.

Como apontou Marín-Díaz (2012, p. 51) diferentes obras de autoajuda “[...] focam seu olhar no próprio indivíduo, em suas emoções, suas sensações, seus sentimentos e nas ações que ele deve aprender e realizar para se transformar”.

Agir sobre as próprias emoções, como se denota, não se resume a evitar ser excessivamente racional, o indivíduo necessita enfrentar o que pode ser qualificado como negativo.

4.2.2 Eliminar os entraves para o sucesso



Figura 16: Coragem/medo

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.

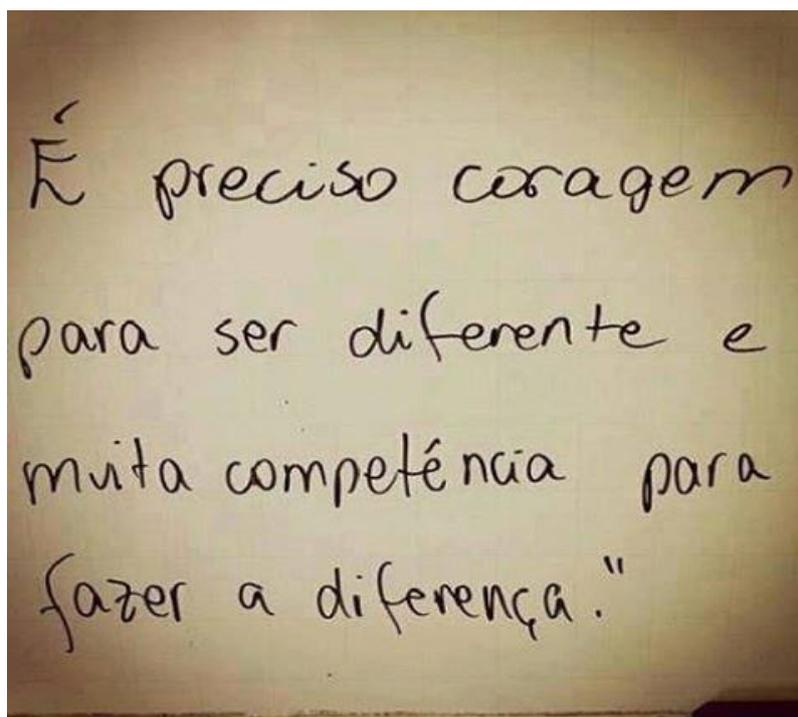


Figura 17: Coragem

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.



Figura 18: Riscos

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/979963625347938/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

60 pessoas curtiram isso.

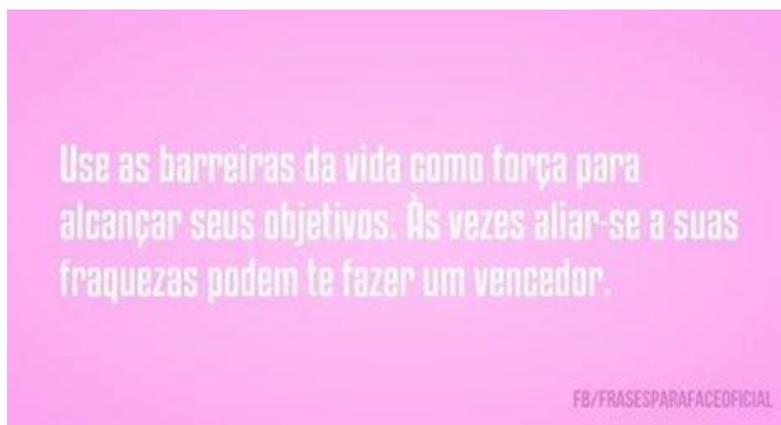


Figura 19: Alcançar objetivos

Fonte: <https://www.facebook.com/frasesparafacial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/819205171466818/?type=1&theater>

Acesso: 03 mar. 2015

883 pessoas curtiram isso.

O discurso de autoajuda indica, aqui, que agir sobre si mesmo para obter a felicidade implica, além de gerenciar suas próprias emoções, eliminar os entraves para o sucesso. Poderíamos pensar que eliminar entraves compreenderia enfrentar adversidades exteriores. No entanto, o discurso da autoajuda coloca o enfrentamento do medo como um dos mais importantes entraves para a felicidade.

O medo seria um dos maiores obstáculos na consecução de qualquer objetivo a ser atingido, por esse motivo, em algumas postagens, há a recomendação sobre o dever de cada um de nós: teríamos a obrigação em cultivar a coragem no enfrentamento dos desafios.

Outras mensagens cujos obstáculos estão simbolicamente representadas pelas edificações, os muros e as pontes nos permitem estimular a coragem; é como estivéssemos agindo perante 'impossíveis' concretos materiais simbolizados mas, diante disso, elencássemos forças para saltar as artimanhas dadas, como se rompêssemos aquilo que nos separa das idealizações, sonhos e objetivos e, estabelecêssemos às ligações necessárias para manter os sonhos, os desejos e transitar para o novo.

Para Rüdiger (1996, p.18), os textos de autoajuda são voltados aos projetos de vida mais objetivos como sucesso nos negócios, comunicação em público, manutenção do patrimônio; e os mais subjetivos: autoestima, saber envelhecer, vencer a depressão, etc. Pode-se dizer que eles abarcam todos os

campos da vida – sejam ao que vai do sucesso pessoal e empresarial ao da saúde, assim como ao êxito nos relacionamentos interpessoais –, e de uma maneira ou outra procuram responder sistematicamente diferentes demandas para autorrealização. No entanto, há circunstâncias em que os planos de ação podem fracassar e tudo passa a depender da capacidade de “[...] adaptar-nos a novas situações mediante a transformação interior” (RÜDGER, 1996, p.43).

Por conseguinte, a ação em que cada um precisa ter sobre si envolve os atos de coragem. Um ponto analisado a ser considerado é a inexistência de elementos fora do indivíduo para que a ação sobre si seja efetivada. Isso significa que é a autotransformação do indivíduo e suas formas de relação em incorporar hábitos considerados positivos, hábitos que resultam de um “treinamento”, uma exercitação gradual, um trabalho de repetidas ações visando um aperfeiçoamento que incluiu a atenção às emoções. Complementando que a autotransformação não teria dependência direta do que vem de fora e ocorreria, quem sabe, antes da relação com as outras pessoas e com o mundo.

Como apontou Marín-Díaz (2012) há em uma variada gama de textos de autoajuda, indicações de exercícios diários que o indivíduo necessita fazer para enfrentar o sofrimento, o ódio, a raiva, a ansiedade entre outros. Exercícios que possibilitariam ao indivíduo ter cada vez mais controle sobre o que vivencia e, então, experimentar, com maior frequência, sensações de tranquilidade, harmonia, paz, prazer, felicidade.

A felicidade, segundo esse entendimento, seria o resultado das ações em que cada indivíduo realizaria sobre si perante a sua autotransformação; o desenvolvimento da capacidade de ser indiferente a certos acontecimentos externos e, não uma condição propiciada por esses eventos externos sobre os quais não se tem controle.



Figura 20: Voltaire

Fonte: Frases Curtas compartilhou um link.

<http://www.frasesfamosos.com.br/2015/02/os-grandes-homens-confessam-que-erraram.html>

Acesso: 26 fev. 2015

1.136 pessoas curtiram isso.

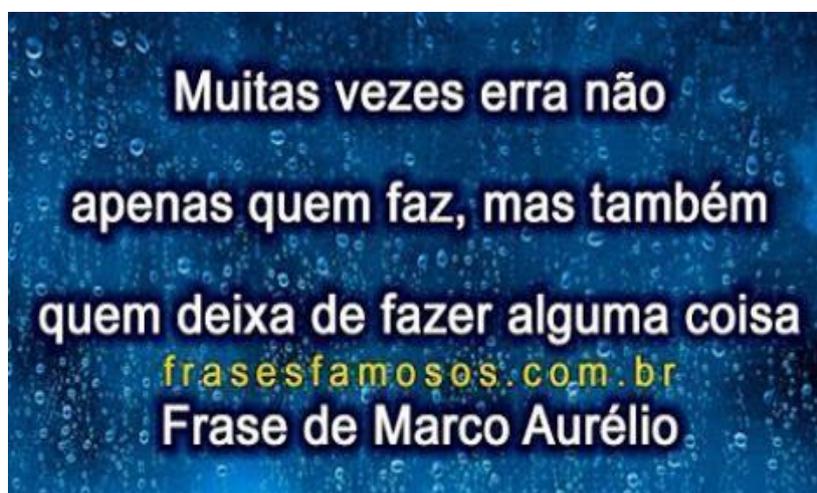


Figura 21: Marco Aurélio – frases

Fonte: <http://www.imagensdefrases.com.br/2015/03/frase-de-marco-aurelio.html>

Acesso: 20 mar. 2015

798 pessoas curtiram isso.



Figura 22: Frase Platão

Fonte: <http://www.frasesfamosos.com.br/2015/03/descobrir-o-que-e-importante-na-vida.html#.VQAqMyp6MrY.facebook>

Acesso: 11 mar. 2015

1.123 pessoas curtiram isso.

As postagens acima apresentadas (figuras 19, 20, 21 e 22) demonstram que todos/as e cada um/a de nós deveremos agir de forma coerente e pensada para realizar sonhos, impedindo que os obstáculos prevaleçam sobre os mesmos.

Assim sendo, nos fazem refletir sobre alguns estímulos para a realização do que é almejado. Cabe destacar que são as práticas individuais e não uma ação que necessariamente envolveria atividades coletivas como acontece na reunião de pessoas em torno de uma causa.

Uma palavra em que pode ser associada ao enfrentamento e contrária aos obstáculos para a consumação dos sonhos é “acreditar”, e isso implica enfrentar os medos, as dúvidas e as incertezas.



Figura 23: Destruir?

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/975314972479470/?type=1&theater>

Acesso: 18 mar. 2015

61 pessoas curtiram isso.



Figura 24: Coragens e medos

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/971493692861598/?type=1&theater>

Acesso: 11 mar. 2015

40 pessoas curtiram isso.



Figura 25: O impossível

Fonte: <https://www.facebook.com/AvidaTerceiroJohnnieWalker?fref=ts>

A Vida Segundo Johnnie Walker

Acesso: 25 mar. 2015

652 pessoas curtiram isso.

O que é recomendado a cada um, é livrar-se dos obstáculos e não dos sonhos. Afinal, não são os sonhos que necessitam ser mudados, mas, isto sim, as condições necessárias para realizá-los. Nessas postagens acima, mais uma vez, é o medo em que é colocado como um potente obstáculo a ser eliminado.

Essas recomendações são individuais, pois mesmo quando as frases usam a palavra “nós” não há referência a um grupo, a presença de um coletivo não se faz necessário para realizar a ação proposta. Assim, temos mais uma forma de criar uma posição no qual cada um poderá ocupar e esta está ligada a obrigação de “alimentar sua coragem” sob artifício de lidar com as adversidades que aparecerem.

Sendo assim, para os discursos de autoajuda, cuidar de si mesmo implica remover os obstáculos, que geralmente são atribuídos a cada indivíduo, os quais poderiam impedir a realização daquilo que é desejado. Mesmo quando a frase não expressa exatamente quais são os obstáculos tratados; as postagens de autoajuda apontam ações específicas para que cada um obtenha o sucesso a ser adquirido.

Essas ações específicas incluem o ato de focar diretamente no objetivo que se determina; por assim dizer, provoca o reconhecimento dos erros, e então poderá se empenhar para as tarefas com mais êxito, o que as levariam para a obtenção de alguma meta bem mais sucedida.

Mais uma vez, as frases apontam para a incorporação de hábitos positivos, a mudança pessoal de acordo como o indivíduo confronta às

situações que se apresentam e certa indiferença aos elementos externos que o poderiam impedir para a idealização concreta dos seus sonhos.

Dentre esses hábitos podem estar acrescidas com as atitudes em não desperdiçar tempo reclamando de algo que o aflija. A postagem a seguir faz essa menção propondo que uma reflexão seja realizada a partir de um caso exemplar.



Figura 26: Reclamar x lutar

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/980474445296856/?type=1&theater>

Acesso: 28 mar.2015

90 pessoas curtiram isso.

Mesmo que as análises amplamente desenvolvidas neste trabalho não tenham buscado focalizar as imagens apresentadas juntamente com as frases, cabe ressaltar que a fotografia inserida na postagem cria um sentido peculiar ao trecho verbal ao dizer em que há gente lutando por continuar vivo.

A postagem verbaliza que a reclamação é um desperdício de vida porque sempre há alguém em situação muito pior, sempre existe alguém que poderá perder o que se é o mais importante de tudo: a própria vida. O ato de reclamar está associado ao lamuriar ou lastimar, se constitui num obstáculo o qual interfere no que se pretende alcançar. Essa não seria, para esse conjunto de discursos, uma forma legítima de como enfrentar as adversidades.

Tem sido recorrente em diferentes publicações qualificadas como autoajuda, no mesmo sentido como mostrou Marín-Díaz (2012) o uso de fábulas, historietas no sentido de instigar os indivíduos para a promoção de mudanças em suas atitudes pessoais. Pode-se dizer que o recurso a um caso exemplar aproxima-se, dessa forma, em estimular o/a leitor/a a seguir um

exemplo, a colocar-se na situação de outra pessoa, a desejar o que alguém conquistou ou buscar evitar as dificuldades que alguém já enfrentou.

A tônica das postagens é a de que a vida exige perceber os erros, recomeçar tantas vezes quantas forem necessárias, lutar mediante os conflitos que surgem no caminho. Segundo essa compreensão, as dificuldades que impediriam alguém de ser feliz podem até mesmo serem úteis, pois ajudariam a otimizar os esforços a serem empreendidos com vistas a algum objetivo.

Desse modo, é através da remoção constante dos obstáculos que resultaria em aprendizagem, experiências de vida ou possibilidades criativas de um caminho melhor a seguir. Os medos deveriam receber em menor estímulo do que a coragem.

Não caberia, em espécie alguma, a negação de tais sentimentos ou a manutenção do entendimento de que eles impedem definitivamente alguém de realizar algo. O que está sendo sugerido é sobre lidar com o enfrentamento do medo e da ação em contornar obstáculos, esses estão constituídos em atos que levam os indivíduos à incorporação de hábitos positivos. Além do mais, as frases falam em como agir e como romper com aquilo que separa cada pessoa dos seus pessoais objetivos e das suas metas que está intencionado a pôr em prática.

4.2.3 Conduzir a relação com os outros

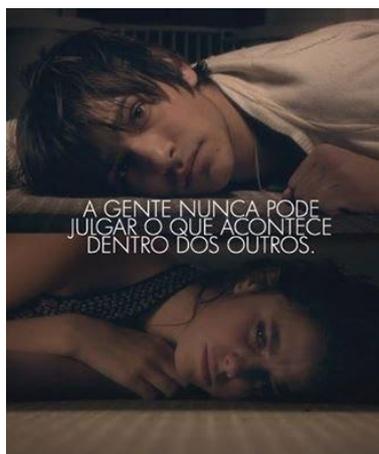


Figura 27: Julgar

Fonte: <https://www.facebook.com/frasesparafaceoficial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/823329441054391/?type=1&theater>

Acesso: 12 mar. 2015

777 pessoas curtiram isso.



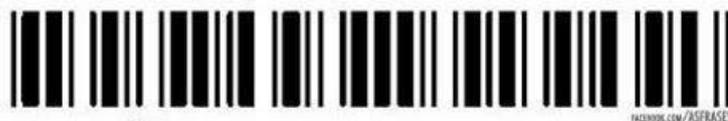
Figura 28: Triste?

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/980124445331856/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

87 pessoas curtiram isso.

O CONTEÚDO É MAIS IMPORTANTE QUE A EMBALAGEM



NÃO ROTULE

Figura 29: Não rotule

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/980124445331856/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar. 2015

87 pessoas curtiram isso.

CUIDADO!
as palavras costumam machucar,
mesmo sem intenção...

Figura 30: Cuidado!

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/971493696194931/?type=1&theater>

Acesso: 11 mar. 2015

34 pessoas curtiram isso.

Cuidado: Infelizmente, hoje existem
pessoas que mesmo olhando nos olhos, têm
coragem de mentir.

Figura 31: cuidado...

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/972972072713760/?type=1&theater>

Acesso: 14 mar.2015

37 pessoas curtiram isso.

**Deixa que falem
mal de ti, as
pessoas costumam
criticar quem elas
querem ser!**

Figura 32: Falem mal de ti!

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/974127985931502/?type=1&theater>

Acesso: 16 mar.2015

46 pessoas curtiram isso.

*“Bendito aquele que aprende a
Admirar mas não Invejar,
Seguir mas não Imitar,
Elogiar mas não Bajular,
Liderar mas não Manipular.”*

William Arthur Ward (by Eni Feniche)

Figura 33: Admirar x invejar!

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/965275986816702/?type=1&theater>

Acesso: 27 mar.2015

64 pessoas curtiram isso.

Enquanto eu ligar, brigar e
provocar, tenha certeza de
que ainda me importo.

Comece a se preocupar
quando eu me silenciar.

Figura 34: Me importo

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/980680365276264/?type=1>

Acesso: 28 mar. 2015

50 pessoas curtiram isso.

Como conduzir a relação com os outros é outra forte indicação que os discursos de autoajuda o fazem aos indivíduos contemporâneos. Um indivíduo responsável por si mesmo, segundo esses discursos, agir sobre si mesmo, regulando a forma de interação social com as outras pessoas.

A vista disso há outras indicações do tipo ousar, arriscar, não desistir do que se almeja, valorizar aquelas pessoas próximas que lhe amam: tomar a iniciativa de amar com reciprocidade, reconhecer os benefícios da solidão e o cultivo ao esquecimento daquilo que não merece ser levado em consideração com os outros. Sendo assim, o pressuposto é não se incomodar com os julgamentos das outras pessoas que o fazem de você, mesmo quando alguém o desaprove.

A palavra “cuidado” apresenta-se como um alerta! A relação com os outros exige que se estabeleça o que é prioridade e atenção por parte das pessoas aos efeitos do que é dito ou realizado por outrem. Evitar a mágoa auxiliará a não desperdiçar esforços com o que não é importante. Indicações como essas, possibilita em como se permite agir para sentir-se valorizado e, respeitado; ser sensível às percepções na relação social cotidiana com os indivíduos é bem-vindo nas interações. Conforme o discurso das postagens, a felicidade poderia ser plenamente alcançada no momento em que o indivíduo separa o que é indispensável de todo o resto.

A honestidade um dos elementos a ser prestigiado e, cuja falta produziria atitudes perigosas àquelas que costumam mentir, iludir, dissimular,

enganar. Em virtude disso, os discursos da autoajuda ao fornecerem indicações em como lidar com os outros, recomendam o que é necessário pôr em avaliação. Mais uma vez, aparece a observância de que há algo que necessita ser percebido, em contraposição ao que precisa ser deixado em segundo plano ou que não merece atenção.

Conseqüentemente, os discursos de autoajuda recomendam analisar sobre os esgotamentos nas relações e suas relevâncias. Aqueles encontros, de uma forma ou de outra, tornam-se desagradáveis: a briga, a provocação que corroboram para a indiferença, a ruptura das afinidades e finalizam para o desgaste nas relações, o desentendimento cede lugar ao vazio, é o momento de avaliar.

Essas frases, ao mostrar o que é necessário separar, o que merece atenção ao que não deveria ser objeto de esforço, remete a existência de algo imutável ou essencial nas pessoas. Algo que não corresponderia a aparência física ou a alguma forma de “revestimento” ou de “rótulo”, passageiro e não correspondente ao que há de essencial nas pessoas. Algo a ser tomado como uma mera embalagem, algo que pode enganar e impedir que o que há de mais importante nos indivíduos seja valorizado: sem esse cuidado na relação com o outro, valorizar-se-ia demasiadamente a “embalagem” propiciando que sejam criados estereótipos e estigmas.

Como apontou Marín-Díaz (2012) em sua análise de livros contemporâneos de autoajuda, é recorrente nos discursos ali acionados a compreensão de que há algo essencial, uma forma de natureza própria, que cada um teria. Para buscar a felicidade, seria necessário, portanto, identificar e conhecer tal essência. Tal reconhecimento é necessário porque essa seria a parte imutável de cada um, aquilo que não será mudado.

Muitos livros de autoajuda enfatizam

[...] o reconhecimento disso que se supõe que cada pessoa “é” naturalmente, ou a fixação de uma forma natural e essencial de “eu”, aparece como a chave para mobilizar ações de transformação, de ascese do sujeito (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 47).

Se há algo essencial que não muda, em contrapartida, há elementos que são mutáveis. O que é essencial somente pode ser conhecido para que se possa lidar melhor com o que não irá mudar.

Assim como ocorre na relação consigo mesmo, em que cada um precisa conhecer o que é parte de sua essência para agir sobre o que foi aprendido e que não é imutável, ao lidar com as outras pessoas será necessário fazer o mesmo.

As demais postagens abaixo apresentam recomendações para dar valor àqueles os quais se convive e representam como forma de benefício em qualidade de vida.



Figura 35: Bom fim de semana.

Fonte: <https://www.facebook.com/frasesparafaceoficial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/829418297112172/?type=1&theater>
Acesso: 27 mar. 2015
3.827 pessoas curtiram isso.

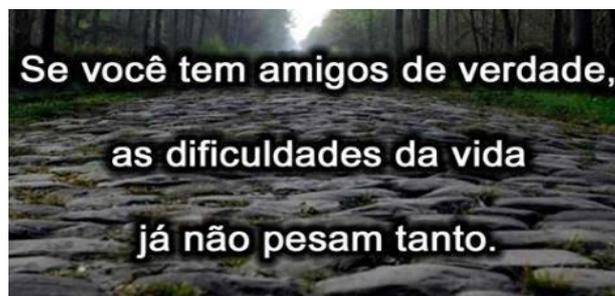


Figura 36: Amigos

Fonte: <http://www.imagensfrases.com.br/2015/03/frases-para-amigas-ou-amigos/amigos/>



Figura 37: Eu gosto!

Fonte: <https://www.facebook.com/frasescurtasnet/photos/a.387450507932589.100482.342243325786641/976170715727229/?type=1&theater>
Acesso: 20 mar.2015
65 pessoas curtiram isso.



Figura 38: Saudade

Fonte: <https://www.facebook.com/frasesparafaceoficial/photos/a.376421029078570.98212.364400940280579/824664627587539/?type=1&theater>
Acesso: 15 mar.2015
1.121 pessoas curtiram isso.

A primeira frase apresentada acima aponta sobre cada um de nós; deveríamos compartilhar com mais tempo para aquelas pessoas que nos fazem o coração bater mais forte. Segundo os discursos de autoajuda, seria necessário selecionar as pessoas as quais merecem mais atenção daquelas que, de certa forma, não “valem a pena”.

A ação que cada um/a é instigado/a a fazer sobre si é de refletir a respeito dos seus relacionamentos pessoais tal como se age relativamente a qualquer forma de investimento. Empreendimento esse que necessita de

critérios a serem estabelecidos pelo próprio indivíduo para ser colocado em ação. Isso exige que o indivíduo decifre e interprete o que lhe é necessário para que atinja a felicidade e o sucesso de que tanto os discursos de autoajuda falam.

Mereceriam maior investimento, portanto, as propostas da segunda frase em nomear os amigos de verdade, pessoas que podem tornar nossa vida mais leve e ao nos confortar quando o peso das adversidades surgem. Da mesma maneira, como referência a terceira postagem apresentada, as pessoas que despertam o que consideramos de melhor para a nossa vida também precisam tal destaque. Em outras situações, na quarta postagem apresentada, é preciso valorizar àquelas pessoas das quais temos o sentimento de saudades ao experimentamos a ausência das mesmas.

Enfim, em muitas formas os discursos da autoajuda prescreveriam forma de exercícios que prometem tornar o indivíduo “[...] alguém altamente eficiente e, com isso, também ajude para que os outros, na sua empresa ou na sua família, façam o mesmo” (MARÍN-DÍAZ, 2012 p.54).

5. Considerações finais

Neste trabalho me propus a compreender como as *fan pages* no Facebook estariam funcionando sob uma forma de pedagogia cultural que contribuiria para “ensinar” os indivíduos contemporâneos a agirem sobre si mesmos, assumindo cada vez mais a responsabilidade pela condução de sua vida.

O discurso da autoajuda é composto de indicações para que cada um conheça a si mesmo e atue para transformar a porção de si que não corresponde a alguma essência imutável. Essas indicações têm sido apontadas em diferentes análises sobre textos de autoajuda e se repetem pela internet, principalmente nas redes sociais.

Para desenvolver as análises, focalizei frases postadas nessas *fan pages* do “Face” e escritas para instigar os indivíduos a realizarem ações sobre si mesmos e conduzirem sua vida para a felicidade. Isso posto, as frases focalizam investimentos na produção de propostas imediatas de vida, metas e objetivos que visam a satisfação individual.

Como apontou Rudiger (2010), a literatura de autoajuda teria a função de ajudar a lidar com as ansiedades e as emoções do indivíduo ao mesmo tempo em que instiga o mesmo a tomar atitudes racionais relativamente a própria vida. Isso seria bem mais do que estar aberto às novidades, trata-se da exigência de estar sempre na obrigação de produzir formas de adaptação.

Dessa maneira, mesmo que frases postadas no Facebook não sejam de formas clássicas da literatura de autoajuda, elas teriam incorporado elementos semelhantes dos seus discursos que valorizam o tipo de indivíduo ideal do neoliberalismo e, conseqüentemente, acentuam valores tais como a proatividade, a competitividade, a capacidade de empreender e, o que talvez seja o mais importante, a capacidade de investir em si mesmo como se fosse uma forma de capital. O indivíduo dos discursos de autoajuda é compreendido como um investidor que acredita em si mesmo por ser esse, o seu capital humano mais precioso.

Esse seria mais um dos modos como os discursos da autoajuda estariam ensinando os indivíduos contemporâneos a agir sobre si mesmos a fim de alcançar o sucesso, a felicidade, a realização pessoal e profissional, a conquista de objetivos, etc. e além disso, produziriam indivíduos aptos a viver nas sociedades ocidentais deste início de século XXI.

Gadelha (2009) observa que esse indivíduo não se caracteriza mais com trabalhador ativo ou passivo, mas um capital a ser gerido. Em virtude disso, é um indivíduo que tem que tomar a si mesmo como um capital, ocupando-se de si tal como o faria com uma microempresa. Assim, o indivíduo vê a si mesmo como uma entidade a receber investimentos permanentes, investimentos esses que precisam ser vantajosos se avaliada a relação entre custo e benefício

Sob essa perspectiva, a educação seja ela escolar ou não, aparece como importante investimento. Em diferentes esforços ligados à educação formal, como também indicou o autor (idem), não é difícil encontrar referência a necessidade de que as pessoas passem a “*aprender a aprender*”, sejam capazes de aprender sozinhas, aprendam por toda a vida, estejam sempre voltadas para o trabalho em equipe e para a inovação.

Essas questões perpassam a escola, não apenas porque estudantes dos mais diversos níveis de ensino bem como profissionais da educação interagem com frases postadas no Facebook, mas porque os enunciados presentes nesse material podem integrar a muitos outros textos.

Como Marín-Díaz (2012) indicou há uma infinidade de produções dirigidas a professores/as e pais/mães que tem feito circular discursos de autoajuda. São obras que circulam tanto em salas de aula do ensino fundamental quanto no espaço do ensino superior, são utilizados em diferentes modalidades de cursos que integram a formação inicial e continuada de docentes.

Como asseverou Marín-Díaz (2012, p. 91)

[...] a autoajuda, seja num formato geral – através de livros que circulam em diferentes cenários e são levados para a sala de aula como textos de leitura e reflexão obrigatória -, seja num formato específico – através de livros dirigidos especialmente para a formação de crianças, pais e professores -, aparece como uma narrativa estruturada a partir das situações atuais para o momento de sua produção, atrelada a saberes relativos

ao 'eu' que são validados pelas comunidades acadêmicas ou pelo saber comum, e com uma força explicativa ampla como que para cobrir (descrever e orientar comportamentos) diferentes assuntos da vida.

Esses livros estariam ajudando a produzir, como se pode depreender da análise da autora (*idem*), modos de ser associados a qualificativos tais como flexibilidade e capacidade adaptativa, assim como indivíduos dispostos a educação permanente, inseridos em esforços de transformação que nunca acabam e aptos a agirem sobre si mesmo tal como uma empresa gerencia o seu capital. Aliás, materiais como esses podem constituir-se em objeto de análises futuras.

6. Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Vida para Consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BICCA, Angela; ESTEVES, Letícia. **Consumo e identidades nerd/geek: aprendendo a ser jovem em um mundo líquido-moderno**. In: 2º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2013, Canoas. Anais, Canoas: ULBRA, 2013. v. 1. p. 1-13.

BICCA, Angela D. N.; CUNHA Ana P. A.; ROSTAS, Márcia H. S. G. JAHNKE, Max L. Identidades Nerd/Geek na web: um estudo sobre pedagogias culturais e culturas juvenis. **Conjectura: Filosofia e Educação**. v.18, n.1, p.87-104, jan./abr, 2013.

BRUNELLI, Anna Flora. Aforização no discurso de autoajuda. **Revista do GEL**, v. 8, n. 1, p. 125 – 137, 2011.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1995.

CAMARGO, Tatiana Souza de. **Você é o que você come? Os cuidados com a alimentação: implicações na constituição dos corpos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, RS, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. v3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHATEAUBRIAND, François-René de. **Génie du Christianisme**. Paris: Acamédia, 1861. Disponível em: Oeuvres complètes de Chateaubriand – domaine public: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37304292v>. Acesso em:

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa M. Hessel; SOMMER, Luís Henrique. **Estudos Culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago 2003.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A Educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

DIAS, Adriano. **Projeto Semema: em meio ao mar de signos**. Disponível em: <http://semema.com/de-hipocrates-ao-banheiro-publico-passando-pelo-facebook-a-arte-do-aforismo/> Acesso em:

DIEB, Messias; ARAÚJO, Julio.; VASCONCELOS, Jamilley. **A representação social de professor em fanpages do Facebook**. Linguagem & Ensino. Pelotas, v. 17, n. 3, p. 705 – 726, set – dez, 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREDA, Suélen; RECUERO, Raquel. Violência Simbólica: o discurso dominante do poder simbólico na interação em Fanpages sobre aplicativos no Facebook. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2014, Palhoça. **Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Palhoça: Intercom, 2014, p. 1- 14.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Verdade e subjectividade. **Revista de Comunicação e linguagem**. Lisboa, n 19, p. 203 – 223, 1993. .

_____. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France (1977 - 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GAMA, Rinaldo. A leitura sem fim. **Folha de São Paulo on line**. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/21/1999082201.html>
Acesso em:

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 120-143.

GEARY, James. **O mundo em uma frase**: uma breve história do aforismo Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, T. (org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação e Realidade**, v.22, n.2, jul/dez. 1997a.

_____. The work of representation. In: HALL, Stuart. **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Open University, 1997b. p. 233-290.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

KEHL, Maria Rita. Juventude como sintoma da cultura. In: NOAVES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 89-113.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia. Estudos Culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Baurú: EDUSC, 2001.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

PARAÍSO, Marlucy A. **Currículo e mídia educativa brasileira**: poder, saber e subjetivação. Chapecó: Argos, 2007.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e educação**: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas. Tese (Doutorado) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PROVIN, Priscila; FABRIS, Elí. **Uso de Sites na Pesquisa em Educação**: desafios contemporâneos para a investigação. In: 4º SBECE e 1º SIECE. CD-ROM, 2011, Canoas. Anais Canoas, ULBRA, 2011.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1996.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Escola, orkut e juventude conectados**: falar, exibir, espionar e disciplinar. *Pro-Posições* [online], Campinas, v. 21, n. 2, p. 225-242, maio/ago. 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/242318458/Saussure-Ferdinand-de-Curso-de-linguistica-geral-27-ed-pdf#scribd>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999 a.

_____. **O Currículo como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

_____. (org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000a.

_____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____ (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2011.

STEINBERG, Shirley. **Kindercultura**: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luis H. da; AZEVEDO, José C. de e SANTOS, Edmilson S. dos (Orgs). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p.98-145.

XAVIER, Antônio Carlos. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais na internet**. In: Núcleo de estudo de hipertexto e tecnologia educacional (NEHTE). São Paulo: Parábola, 2003.

XAVIER, Antônio Carlos. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: Novas formas de construção de sentido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

WANDELLI, Raquel. **Leituras do hipertexto**: viagem ao Dicionário Kazar. Florianópolis: Editora. da UFSC, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de; Kindel, Eunice Aita Isaia (Orgs.). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência**. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: Instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

YATES, Simeon J. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: David BARTON & Nigel HALL (EDS.) 2000. **Letter Writing as a Social Practice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

Sites consultados:

<http://biblioteca.folha.com.br>

<http://www.cifraclub.com.br/>

<http://www.ebooksbrasil>

<http://www.folha.uol.com.br>

<http://kdfrases.com/>
<http://www.vagalume.com.br/>
<http://pt.wikipedia.org/>
<http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/3871634>
<https://ricardovigna.wordpress.com/estudos-de-semiotica-e-filosofia-da-linguagem/1-1-a-importancia-da-linguagem/>
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25371/22297>